

COLONIALISMUS

Helena
Vieira
& Paulo
Galo

Arquivo

Helena Vieira
& Paulo Galo

p. 2

Eco

Bruno Siniscalchi
& Natasha Helsinger

p. 32

Arquivo
setembro de 2021

Helena Vieira & Paulo Galo

Mediação
Bruno Siniscalchi & Natasha Helsinger

2

HELENA VIEIRA & PAULO GALO

COLONIALISMOS

ARQUIVO

Helena Vieira

Quero começar pelas crises que nos abateram nesse último período. A gente tem dito que essa crise pode resultar em alguma coisa ou que essa crise é um problema. A primeira coisa que a gente precisa perceber é que a crise nesse caso é fundamentalmente um modelo de gestão. A crise é a tecnologia de gestão da vida, da economia, das relações internacionais, da soberania, da psiquê. A crise é necessariamente a condição de possibilidade da exploração e do domínio e do controle sobre os levantes dos sujeitos. O Félix Guattari tem um texto incrível, escrito no pós-1968, que se chama “Somos todos grupelhos”. Ele vai dizer que nossas revoluções já estão todas previstas por um algoritmo da IBM. Nossos levantes já estão todos sabidos. Porque nós temos fórmulas e formas de organizar esses levantes que se enraízam em uma contraditória tradição da subversão e do levante. Em algum momento nós acreditamos que haveria uma receita e que nós poderíamos aplicar essa receita ao levante dos sujeitos. Na coletânea chamada *Revolução molecular*, Guattari vai dizer que é preciso compreender o que é o capitalismo. Não é um sistema econômico. O capitalismo é um modo de vida para além do sistema econômico. Como modo de vida, ele é necessariamente uma máquina de produzir subjetividades, o que Deleuze e Guattari chamaram de subjetividades capitalísticas no *Anti-Édipo*. Essas subjetividades capitalísticas apropriam-se de nós, a esquerda e a direita, sejamos do mercado ou não. Eu gosto sempre de dizer: vocês estão competindo para saber quem é mais de esquerda? Desculpa, mas essa competição não é outra coisa senão a maldição da subjetividade capitalística. Ela organiza a nossa vida e o nosso modo de pensar de maneira a produzir uma constante hierarquização das relações. Para nós especificamente, que existimos no submundo, esse modo de subjetivação passa por aquilo que Ramon Grosfoguel e Santiago Castro-Gómez vão chamar de colonialidade do ser. Significa o quê? Ao sermos criados dentro do mundo colonizado, essa colonização não existe somente como fato histórico ou somente como fato político. Ela existe como fato psíquico, como ordenança da nossa realidade interior. A gente diz assim: “Precisamos esperar um levante dos subalternos. Olha os camisas verdes na França e Portugal”. Eu falo: “Gente, vamos olhar as resistências dos povos indígenas, vamos olhar a resistência dos entregadores”. Porque o nosso imaginário, inclusive o nosso imaginário de resistência, é um imaginário que se organiza no Norte. E ele se

3

organiza no Norte porque o nosso ponto de vista hierarquiza as relações entre Norte e Sul. E essa hierarquização nos coloca sempre em uma posição de subalternidade. Os nossos métodos, de alguma maneira, atendem a essas formas de subalternidade. A gente pensa: “Ah, o partido, o sindicato e o movimento estudantil são as três dimensões do fazer político e dos levantes”. Mas será que nós não nos organizamos e nossos corpos não se levantam em outros lugares, de outras maneiras? Será que esses corpos não se levantam, por exemplo, em uma epidemia de suicídio? Estou falando isso porque nós estamos no Setembro Amarelo. O que nos diz como sociedade ter o suicídio como a segunda maior causa de morte entre jovens? Eu acho que isso indica um pouco daquela primeira crise à qual me refiro, que é a crise de futuro. Já nos anos 1990, a Wendy Brown lança *El pueblo sin atributos: La secreta revolución del neoliberalismo*. Nesse texto, ela diz: “Estávamos felizes, caiu o Muro de Berlim, acabou a Guerra Fria, agora é a era da democracia”. Aí ela falou: “Chegou a era da democracia e a gente começou a ver algumas coisas estranhas acontecendo. Grandes empresas se apropriando do Estado e gente dizendo que a história acabou e que não tem alternativa senão o arrocho”. Você começa a pensar e a perceber que isso moveu o desejo de uma geração inteira. Isso gerou uma grande frustração, porque essa democracia não se constituiu em nenhum lugar do mundo, senão como utopia. Então, ao mesmo tempo que nós tínhamos os Estados Unidos supostamente democráticos, eles faziam guerra contra o Vietnã, eles faziam guerra contra o Iraque, eles destruíam outros povos em nome da democracia. Enquanto nós falávamos de democracia, os governos dos ditos países de Terceiro Mundo ou os governos do Sul aplicavam uma política econômica fundada no consenso de Washington que ia dolarizar as economias e privatizar as reservas públicas, condenando a soberania nesses Estados. Aquilo que nós pensávamos que surgiria no pós-Guerra Fria, como um regime de democracia ampla, se viu capturado pelo que alguns têm chamado de corporocracia, que é justamente o governo de grandes corporações transnacionais. Como essa gestão opera? Nós continuamos demandando do Estado, mas ele não funciona. Parece haver uma contradição entre Estados que são cada vez mais bélicos e duros e uma demanda crescente por uma liberalização do Estado que vai culminar na anomia brasileira: “Sou liberal na economia, porém sou conservador nos costumes”. Isso é uma coisa distópica que deveria ter o selo *made in Brazil*. Qualquer liberal clássico que olhe para isso vai dizer: “Olha, eu não

estou entendendo muito bem o que você está falando, isso não faz sentido”. Parece muito atípica essa ideia de ser conservador nos costumes e liberal na economia. Mas a gente ainda vai viver, com essa ascensão do neoliberalismo, o que a Wendy Brown chamou de desdemocratização. As relações se desmaterializam, então a gente tem, por exemplo, a desnaturalização da ideia de sucesso. O que são o sucesso e a riqueza? São pensamentos positivos, são auto-ajuda. Essa lógica da auto-ajuda vai marcar um movimento próprio do neoliberalismo que é a dissolução dos espaços comunais em nome dos espaços individuais. A auto-ajuda surge como uma tecnologia de substituição daquilo que nós pensávamos como ajuda mútua ou coletiva. Os laços que se constituiriam no interior das sociedades, garantindo o cuidado comunitário. As formas de apoio são dissolvidas pela produção constante de relações marcadas pela suspensão. “Fulano vai ter inveja de mim, não vou contar para fulano, não vou ajudar fulano. Se eu ajudar fulano, ele vai depois me dar uma facada por trás no trabalho. Eu não vou pôr minha mão no fogo por ninguém. Eles vão fazer greve? Não, eu vou trabalhar. Eu fazer greve? Não vou porque vai ter alguém que vai furar a greve”. As relações de confiança naqueles espaços marcados pelo comum, por laços comunais, por formas de comunitarismo, são gradualmente dissolvidas em nome de um apelo profundamente individualista. Louis Dumont, que faz um grande estudo sobre o individualismo desde as sociedades ascéticas indianas até as sociedades cristãs contemporâneas, mostra que a ideia de indivíduo é recente, nasce na Reforma Protestante. Há uma supressão de qualquer possibilidade de organização holística e isso se fortalece. Temos uma incapacidade completa de realizar laços comunais. A gente tem visto, por exemplo, a dificuldade de formar coletivos, de formar grupos, de organizar pessoas para irem a atos, organizar pessoas para atuarem coletivamente. Parece que todo investimento potencial coletivo é perda de tempo ou autoprejudicial. Em função disso, a gente tem uma captura pelo discurso da meritocracia, que vai sobrecodificar, ou seja, vai usurpar sentidos de direitos comuns. A forma de dominação do capitalismo vai capturar as nossas experiências e ressignificar essas experiências à luz da meritocracia. Só que a gente enfrenta agora um momento em que os nossos esforços, por mais que nos forcemos, não trazem resultados. Quando o seu esforço não é suficiente, a vida vai sendo engolida pelo que alguns vêm chamando de sobrevivencialismo. É como se a possibilidade de ter futuro tivesse se extinguido e nós nos contentássemos

devem perceber, mas eu juro que eu sou uma pessimista ativa. Vamos agir com o nosso pessimismo para ele produzir alguma coisa. Não sou uma pessimista derrotista. Mas estamos diante do que eu chamaria de crise dos sentidos. Em algum momento parece que produzimos aquilo que alguns, como o Zizek, chamam de paralaxe, que é um descolamento total de sentido entre o sujeito e o objeto. Perguntem a um conservador o que é a universidade pública. Ele vai dizer: “É um antro de gayzistas, maconheiros, esquerdistas, feministas”. Faça a mesma pergunta a uma pessoa de esquerda: “É um lugar extremamente conservador, da ordem burguesa, cheia de gente rica”. Será que estão falando do mesmo lugar? Sim, mas de alguma maneira os sentidos que nós produzimos sobre o mundo ruíram. Parece que habitamos mundos distintos ao mesmo tempo. A fronteira, como diria o Eduardo Viveiros de Castro, a fronteira final do *Star Trek*, se tornou uma fronteira em torno de cada um, como se nós fôssemos absolutamente mundos distintos. Habitar mundos distintos vai impedir, por exemplo, que a gente consiga dialogar com os sujeitos. O mundo passa a não fazer sentido. Acho que esse derrubamento do sentido atravessa as nossas formas de fazer política. Por exemplo, eu me lembro no caso do Queermuseu. Disseram que o Santander é comunista. Não faço mais ideia do que essa palavra quer dizer, porque o governo PT é comunista, o Santander e a Globo também. O que tem de significativo entre esses três elementos? Não se faz ideia. Nós dizemos que precisamos de uma revolução popular, mas nas manifestações bolsonaristas grande parte dos sujeitos eram o que classificamos como populares. Temos a opção de, do alto do pedestal da esquerda, dizer: “Eles não sabem o que fazem, pai, perdoai-vos”. Ou conferir dignidade a essa escolha e tentarmos entender quais coerências organizam as coerências que não são as nossas. Deleuze e Guattari têm uma frase incrível: “As feiticeiras operam por coerências que a nossa coerência não alcança”. Me lembrei muito disso quando fui candidata a deputada federal no Ceará e o motorista do Uber falou: “Eu vou votar em você e no Bolsonaro”. Eu falei: “Senhor, isso não faz sentido”. Ainda dei aquela lacrada: “Não quero voto de bolsominion”. E ele disse: “Vou votar assim porque eu nunca vi um presidente igual ao Bolsonaro e eu nunca vi uma deputada travesti”. Então, veja só, o critério que organizava a coerência do voto dele era a exclusividade, a diferença, o quão incomum eram os sujeitos nos quais ele voltaria. Eu de cara assumi que não fazia sentido, mas ele conseguiu construir um sentido. A minha questão é, como nós conseguiremos nos abrir a

ou desesperadamente acionássemos só formas de não morrer agora, de não morrer de fome, não deixar a família morrer de fome. O roubo do futuro é a usurpação da capacidade de pensar a vida. Ela é uma das consequências mais nefastas do neoliberalismo, porque nós nos organizamos psiquicamente em relação ao tempo. A nossa estrutura para nos localizarmos no mundo é feita de passado, presente e futuro. Só que o futuro parece uma tragédia. Incapazes de discutir o futuro, nos tornamos completamente seduzidos pelo passado. Escrevi um texto para a revista *Cult* sobre o levante conservador estar profundamente atrelado a essa incapacidade de pensar o futuro. Se eu não sei mais o que é homem e o que é mulher, por exemplo, nada mais faz sentido. O futuro parece tão perigoso que o desejo é projetado para o passado, para os tempos em que as coisas eram melhores. Essa melancolia é própria do conservadorismo. O conservadorismo é um afeto político profundamente melancólico. E todo mundo é conservador, até eu que sou uma travesti gorda sou conservadora, somos todos. Sabe quando você escuta uma música atual e diz: “Nossa, na minha época é que faziam música boa!”? Ou quando você diz: “Na minha época é que as crianças sabiam ser crianças”? Isso é o afeto conservador, em que nós nos recusamos a compreender as dinâmicas de funcionamento do presente e do futuro em nome da superioridade daquelas dinâmicas ou daquele tempo em que nós tínhamos uma relação afetiva com as coisas. Aqueles que pedem a ditadura estão justamente fazendo isso. Idealizam uma ditadura, dentro de um processo profundamente melancólico e nostálgico, em nome justamente da incapacidade de pensar o futuro. É uma forma de sobreviver à usurpação do futuro. Nossas ações só vão se concretizar se entendermos que as posições conservadoras não são posições fundadas em uma maldade essencial. Bem e mal são categorias que não nos cabem. Se a gente vai dialogar com uma classe trabalhadora, a gente tem que dialogar com quem acha que travesti não deveria existir. Paciência, sabe? A gente está aqui para descobrir como fazer isso. O texto que eu escrevi para a *Cult* se chama “Melancolia e conservadorismo: o brilho do sol negro”. O *Sol Negro* é o nome do livro da Julia Kristeva sobre depressão e melancolia. Então, essa busca pelo passado não está só na direita. A gente está pensando na eleição do ano que vem, querendo voltar para o governo Lula, voltar 13 anos. É mais uma vez a incapacidade de enxergar um futuro. Mais uma vez a gente só consegue pensar as formas de retorno. A gente tem que procurar uma saída. E como a gente procura? Eu sou uma grande pessimista, vocês

esses outros sentidos? Vamos precisar acessar gramáticas outras e permitir que essas gramáticas outras nos performem. Elas vão precisar nos performar justamente porque os nossos sentidos ruíram. Vinte dias antes da eleição eu dizia: “Não, gente, o brasileiro não vai eleger o Bolsonaro, tem um pacto oligárquico que segura a república”. O Roberto DaMatta e o Victor Nunes Leal já tinham dito isso nas suas interpretações do Brasil. As oligarquias estão todas com o Alckmin, não estão com o Bolsonaro. Eu disse: “Oligarquias, conto com vocês. Por favor, façam o trabalho de vocês”. Fui até Crateús fazer campanha no interior do Ceará, que é uma cidade que tem dois coronéis que são políticos, prefeitos e deputados desde o século XVIII. Teve uma carreata bolsonarista que ocupou a cidade inteira, sem dinheiro das oligarquias e contra as oligarquias. Eu falei: “Meu deus, o pacto oligárquico da república está ruindo... como é possível isso acontecer?”.

8 Aí eu fui para o Xvideos, um site pornográfico, caso alguém não saiba, que tem vídeos de vários tipos. Se você digita “Bolsonaro”, aparecem centenas de vídeos amadores. Um que me marcou muito tinha um cara comendo a namorada, e ele dizia: “Quem que é o mito?”. E ela respondia: “Bolsonaro 2018”. Então ele falava: “Grita para eu te oprimir”. E ela: “Me oprime”. E ele: “Mito 2018”. Cada vez que ela falava Mito 2018, ele comia ela com mais força. Pensei: “Além das oligarquias, tem um movimento muito profundo do desejo operando nessa história”. Como diria a Linda Nicholson, quando algo chega à pornografia é porque o desejo faz dizer aquilo que a língua não quer dizer. Tem vídeo Lula livre também, tem para todos os gostos. Xvideos é esse mundo em que você encontra todos os sabores. Em seguida, peguei o meu Antonio Candido, meu Sérgio Buarque de Holanda, e falei: “Vou queimar vocês todos, porque vocês não funcionaram”. As nossas teorias perderam o seu caráter influenciador. As nossas palavras já não significam muita coisa. O que significa esquerda? As pessoas chamam o PSDB de esquerda. As palavras que organizam as nossas lutas de alguma maneira perderam o seu poder de referenciar determinados fenômenos. A gente vive uma crise de sentido. A gente vai precisar reabilitar certas palavras, reabilitar o sentido do comum, reabilitar o sentido da luta e das formas de lutar. E fazer uma disputa pela memória. Eu tenho trabalhado a história das travestis durante o período da ditadura. Temos um processo intenso de descolonização da memória a fazer, buscar quais foram as revoltas populares que não entraram para a história. Queimar a imagem do Borba Gato e propor uma outra história, uma outra iconografia. Outros já sobreviveram a tempos

tão precários quanto o nosso, só que as suas práticas de resistência estão escondidas. Não nos contaram como eles sobreviveram. Então nós temos que escavar a memória e essa escavação passa por pensar, por exemplo, a resistência à ditadura, não sempre como aquela resistência heroica que vai produzir Marighellas. Porque essa resistência é marcada por classe, gente. Quem foi para a luta armada e se filiou ao partido e ao movimento estudantil na ditadura tinha dinheiro. Ainda hoje fazer política é um privilégio de quem tem dinheiro, imagina nos anos 1970! A música da ditadura não é Chico Buarque e Geraldo Vandré, é Amado Batista. Era isso que ouviam. Quando eu pergunto à minha avó, “Vó, que música você ouvia na ditadura?”, ela diz: “Núbia Lafayete”. Ela não viu essa luta política acontecer, mas outras resistências ocorreram. As resistências contra a fome, as resistências contra a seca. Como é que esses sujeitos com suas práticas de sobrevivência que não entraram para a história como heróis sobreviveram? É esse o ponto. São as pequenas práticas de vida que fazem com que coletividades atravessem tempos de morte. Não somos heróis. Então eu acho que a gente tem justamente um trabalho de descolonização da memória que tem a ver com olhar para os nossos avós. Em vez de dizer: “Vó, você não lembra da ditadura, que um monte de gente foi presa e torturada?” — porque ela, que era ribeirinha, vai dizer: “Não” —, trata-se de dizer: “Vó, como é que a senhora conseguiu, sendo ribeirinha no Pará, chegar em São Paulo e virar enfermeira? Quais foram as práticas, as alianças, as formas de morar em barracões e construir casas junto com outros migrantes? Quais foram as formas coletivas de ajuda mútua que permitiram que esse corpo sobrevivesse à ditadura?”. Porque ela não foi violenta só como política, ela foi violenta em sua política econômica, ela foi violenta em sua repressão moral, ela foi violenta em todos os âmbitos da vida. O governo autoritário é uma tragédia que atinge o nível do espírito dos sujeitos. Então como é que essas outras resistências elaboraram isso? Temos um trabalho que é feito a partir da memória, do convívio intergeracional, dos povos de terreiro. São muitos os desafios da descolonização da memória. E a invenção de formas de organizar as nossas lutas está também nessa memória. Nessa memória temos gente que não suporta mais a fome e decidiu então se rebelar. Nessa memória há as travestis que não aguentavam mais apanhar da polícia e inventaram um idioma próprio para poder falar entre si, que é o pajubá, sem que a polícia entendesse. Muitos inventaram formas de viver. E se nós não conseguimos pensar o futuro,

precisamos descolonizar o passado e encontrar nele o que pode ser o futuro, os futuros que não vingaram, os futuros latentes, pensando tempo, nesse caso, à moda do Deleuze, como dobramento e não como continuidade.

Paulo Galo

Salve, pessoal. A fala da Helena mexeu comigo em vários pontos. Uma coisa que ficou mexendo aqui é como é difícil hoje escapar das armadilhas. É muita armadilha, muita armadilha. Muita coisa que parece bacana, muito amigo que parece amigo, muita gente que parece legal, que de fato não é, mano. Eu converso sobre a liberdade com as pessoas e é muito louco esse papo de liberdade. Você vai ver os liberais, os liberais falam que defendem a liberdade, não é? Nós defendemos as liberdades e tal. Como é que você defende a liberdade e defende a propriedade privada na mesma ideia? Não tem como. Liberdade e propriedade privada são duas coisas que não dá pra andar junto. Uma vez eu, todo arrogante, fui querer ensinar pro meu pai qual que era o lance do problema da propriedade privada. Ele falou: “Eu sei qual que é o problema”. Eu, arrogante, vou deixar meu pai falar e depois eu explico pra ele: “Fala aí, pai”. Aí meu pai falou assim: “O problema da propriedade privada é igual ao passarinho”. Eu falei: “É mesmo?”. Ele falou: “É. Passarinho pousa no galho, não pousa, meu filho?”. Eu falei: “Pousa”. “Ele é dono do galho?”. Eu falei: “Não”. “Então ele é dono de todos os galhos, não é?”. Eu falei: “É”. Já era, tá explicado, vou explicar mais nada não, meu pai sabe, eu vou querer explicar uma coisa que meu pai já sabe? Então é muito louco. Hoje eu vejo o liberal, o liberal é essa coisa que a Helena falou, liberal nos costumes e liberal na economia. Aqui temos o conservador nos costumes e o liberal na economia, não é? Esse bagulho dos caras serem liberais nos costumes e liberais na economia parece uma armadilha tão grande pra mim, parece uma armadilha tão grande, mano, mas tão grande... É muito louco, parece que eles estão dizendo assim, pode fumar maconha, os gays podem casar, sabe? A gente quer que os pretos ocupem certos lugares. Só que, vamos ser sinceros, se eu pago a escola do meu filho, você pode pagar a escola do seu filho também. Se eu pago a minha saúde, você pode pagar o hospital do seu filho também. Então o liberal parece dizer isso: “Eu tenho que pagar a escola do meu filho e ainda tenho que pagar o imposto pra pagar a escola do filho do pobre? Por que o pobre não trabalha e não paga a escola

dele?”. Então, fazendo o raio x do liberal, é assim que eu vejo um liberal. Liberal e fascista parecem a mesma coisa. Mas não tem uns liberais que são daora? Eu não sei, cadê, onde que eles estão? Eu não conheço. Entendeu, nem da Gabriela Prioli eu gosto, que a esquerda gosta pra caramba, eu não gosto, entendeu? Porque pra mim é tudo estranho, pra mim esses caras são todos estranhos. São tão estranhos que, quando eu encontro uns manos, umas minas que são mais de quebrada assumindo esses discursos liberais, parece uma coisa tão, parece uma anomalia tão grande, um bagulho tão estranho pra mim. Eles falam assim: “O mercado tem que estar livre, Galo, tem que deixar o mercado livre”. “Sério, você está nessa? Nessas ideias aí?”. “É por causa das liberdades”. “Mas qual liberdade?”. “Você não gosta de ser livre?”. “Eu não sou livre não”. “Você não é livre? Você é escravo de alguém?”. Eu falo: “Irmão, você tem que entender que nós não quebramos as correntes, mas alongamos elas, as correntes foram alongadas, elas não foram quebradas, nós ainda estamos presos nas mesmas fazendas. Meu nome é Paulo Roberto da Silva, da Silva. Da Silva é nome de fazenda, não é nome de família. O meu nome ainda é um nome de uma fazenda”. Então, ou seja, as correntes não foram quebradas, as correntes foram alongadas. Então o que parece ser liberdade pode ser mais escravidão, porque é muito louco esse bagulho. Não tem como você ficar oprimindo essa pessoa, oprimindo, oprimindo e oprimindo sem uma hora essa pessoa se revoltar. Uma hora você tem que dar um copo d’água pra essa pessoa, mano. Uma hora você tem que dar uma coisinha. É igual quando você toma enquadro, sempre tem o policial bom e o policial ruim, tem um polícia que chega e dá um tapa na cara e tem outro polícia que fala: “Vai, mano, fala aí pro cara onde está a droga”. Você está indo embora pra casa, está voltando do trabalho, e o cara está falando assim: “Vai, mano, fala aí pro cara onde está a droga. Esse cara aí é meio doido, se você ficar escondendo muito o bagulho o cara vai te bater de novo”. Então esse policial é gente boa? Esse é liberal e o outro é o neoliberal. Eles são a mesma coisa, mano. Eles são as mesmas pessoas, sabe? Eles são o mesmo plano, o mesmo modelo, a mesma caminhada. Outra fita que a Helena falou, essa fita das oligarquias, desse pacto oligárquico que tem no Brasil, que de certa forma eles não queriam o Bolsonaro. De fato, eles não querem, eles repudiam essa imagem do Bolsonaro. Só que é muito louco, mano, a burguesia tem a gaiola do fascismo, são eles que abrem e eles que fecham. Só que o fascismo é um bagulho muito louco, quando você solta o fascismo, você não

consegue colocar ele de volta na gaiola com facilidade. O fascismo é uma maluquice, mano. O fascismo é uma maluquice que se autodestrói, está provado isso, olha o governo Bolsonaro se autodestruindo. Uma hora o Alexandre Frota está lá, outra hora o Alexandre Frota está aqui fora xingando. Uma hora a Joice Hasselman está lá, a maior defensora do bolsonarismo, depois a Joice Hasselman está com três dentes faltando na boca, chorando e pedindo pros caras não baterem. Eles se autodevoram. É tão difícil controlar o fascismo que nem o fascismo se controla. E agora o fascismo precisa da nossa ajuda, a burguesia precisa da nossa ajuda pra colocar o fascismo de volta na gaiola, certo? Eles querem o Sergio Moro, eles querem o Luciano Huck, eles querem o Geraldo Alckmin. Eles querem uma pessoa nem muito à esquerda nem muito à direita, uma pessoa centralizada ali. As armadilhas: “Não sou de esquerda, não sou de direita. Eu quero o Ciro Gomes fazendo a mediação pra nós aqui e parará e pururum”. É muito louco, eu fico tentando fugir dessas armadilhas. Você vê o Lula, o Lula quando veio primeiro presidente, e eu tomo muito cuidado pra falar do Lula ao vivo, porque tem muita gente que gosta de me ver falando mal do Lula. Não é falar mal do Lula, tenho muito respeito e carinho pelo Lula, é uma crítica e crítica é pra melhorar a situação.

12 Quando o Lula veio candidato a presidente pela primeira vez, se ele não tivesse colocado o José de Alencar como vice, ele não teria ganhado. Muita gente sabe disso. Se ele não tivesse dado essa alisada na burguesia, ele não teria ganhado, certo? Então o que é um vice-presidente? É quase como um botão vermelho. Você cata esse botão vermelho e dá na mão da burguesia e fala assim: “Se eu não governar pra vocês, vocês apertam o botão vermelho”. Agora colocam a Luiza Trajano como uma das 100 personalidades mais fudas do mundo lá na revista Ford, Times, sei lá como é aquela bosta lá. Com certeza agora a mulher vai ser vice-presidente do Lula, mano. Ou seja, mais uma vez estão dando o botão vermelho na mão da burguesia. “Ah Galo, mas se não for assim não ganha”. Às vezes eu acho que vai ter que ganhar da forma certa, não é só ganhar, não é só ganhar, firmeza? “Ah Galo, mas aí o que nós vamos fazer com o fascismo?”. Mano, o fascismo está aí há tanto tempo. Eu gosto de uma frase do Mano Brown. Ele fala assim: “O veneno vem na sopa”. Nós estamos bebendo esse veneno na sopa tem tanto tempo, mano, mas tem tanto tempo. É que as pessoas conhecem o Bolsonaro agora, mano, nós sempre conhecemos o Bolsonaro. Vem cinco Bolsonaros dentro de uma viatura aqui e bate na cara de todo mundo, a vida toda, entendeu? É que o povo, os

caras estão conhecendo ele agora, e ele já vem aqui faz tempo. Bate na cara, mata os outros, oprime, zoa, bota pra sentar no chão, bota pra ralar a cara no esgoto. Já faz um tempo, mano, que nós estamos lidando com isso, por isso que pra gente não é novidade. É igual quando a pandemia chegou. Todo mundo falava assim: “Fica em casa, fica em casa, gente”. Eu falava: “Fica em casa, fica em casa, como assim fica em casa?”. Não dá pra ficar em casa, as pessoas têm que sobreviver, mano, como as pessoas vão fazer? “Mas precisa ficar em casa”. É, mano, precisa comer também ômega 3 pra não pegar câncer, mas não dá pra comer salmão, nós não conseguimos comer salmão. Entendeu? Tem tanta coisa que precisa fazer, mano, você tá ligado? Ou seja, é uma falta de analisar a realidade que nós temos, igual quando eu vejo uns parceiros meus falando de Revolução Russa. É muito louco que o Marx, o Bakunin, lá atrás, visionaram um mundo lá na frente, e esse mundo é tão bonito que nós esquecemos de prestar atenção no mundo que nós temos pra viver agora, mano. Então esse mundo que os caras escreveram lá atrás e que lá na frente é muito bonito não condiz com o que nós estamos vivendo agora. O que nós estamos vivendo agora aqui é outra realidade e vamos ter que nos adaptar a essa realidade. Eu falo que a revolução no Brasil nós vamos fazer mancando. Porque eu fico vendo umas mentes intelectuais pensando. 13 Ficam esperando o momento certo pra fazer a luta, e é muito louco. O corpo que nós temos é um corpo deficiente, certo? É um corpo aleijado. Você vai na periferia, o pessoal é homofóbico. Você chega na periferia, as pessoas são racistas. Você chega na periferia, as pessoas estão tudo com uma ideia fascista, bolsonarista. Mas boa parte está dentro dessa ideia porque você acaba refletindo o capitalismo, e nós estamos cercados pelo capitalismo. Você está ligado? Ou seja, você tá esperando o corpo perfeito, o corpo do Pelé, o corpo do Michael Jordan pra conectar essa cabeça e esse corpo e fazer a revolução. Aí você fica com nojinho de encostar, de trocar ideia. Você chega na periferia e quer ensinar o negócio, o cara vem e fala pra você da Terra plana e não dá pra trocar ideia com o cara porque esse cara pensa que a Terra é plana. É esse cara mesmo que tem. Você vai fazer o quê? Não tem mais, é isso, truta, tem que trocar ideia, tem que cair pra dentro, tem que desenrolar as ideias. Aí, veja, vem uma cabeça intelectual, ela fica numa estante, ela não consegue ir pra lugar nenhum, você tem que ir lá e ficar ouvindo ela, daora, não faz nada. E um corpo sem cabeça fica rodando em círculos. Nós precisamos pegar essa cabeça e conectar com esse corpo e levar esse corpo pra academia,

14 pra fisioterapia, e devagarinho... mesmo depois de todo esse processo, a revolução nós vamos fazer mancando. Aí, falam assim: “É foda, depois de tudo isso, nós vamos fazer a revolução mancando? Você é louco, se a gente não tivesse braços e pernas, nós ainda faríamos a revolução porque nós somos tão grandes e tão poderosos, e esses caras são tão pequenos, certo, que nós podemos não ter braços e pernas, e nós conseguíamos fazer a revolução ainda. De tão grandes que nós somos, de tão poderosos que nós somos”. A gente só precisa saber disso, descobrir isso, despertar isso nas pessoas, o quão grande o povo é, você tá ligado, mano? Então, hoje, uma armadilha que acontece comigo, cabulosa... os caras ficam tentando me transformar num produto, tentando transformar essas ideias aqui num produto, porque tudo tem que ser um produto, você tá ligado? Aí, como que faz pra não cair nessas armadilhas, como você faz pra essas ideias não virarem um produto? O Galo é um cara que fala sobre a uberização e sobre a precarização do trabalho e as condições do novo proletariado. E você fica assim: “Ih esse bagulho está virando um produto, cara, e se eu não tomar cuidado vou me estrepar nessa ideia aqui, eu vou me estrepar nesse caminho. Estão querendo me colocar dentro de uma caixa e me vender assim, você tá ligado?”. E são tantos problemas, tantas ideias, e a gente precisa de um coletivo forte, unido, precisa da minha ideia somada à ideia da Helena, somada à ideia do Bruno, somada à ideia da Natasha, pra gente tirar uma coisa dali e conseguir fazer a coisa. É igual quando falam assim: “Essas pessoas são identitárias, o problema é que essas pessoas são identitárias”. Eu fico prestando atenção nos caras. “Galo, o identitarismo é um problema, o identitarismo é um problema, o bagulho é só pela classe, tem que ir pela classe, pela classe”. Mano, os caras acham que o bagulho do comunismo é mágica, né? O mundo vai ficar comunista e as pessoas vão deixar de ser racistas, vão deixar de ser homofóbicas, vão deixar de ser machistas. É um conjunto de lutas, irmão. Nós estamos vindo de diferentes direções. Tem gente que tá vindo com uma carga de homofobia fodida. Tem gente que tá vindo com uma carga de racismo fodida, certo? Tem gente que tá vindo com uma carga de machismo fodida e nós estamos nos encontrando. A única coisa que eu acho que eu concordo nessa ideia é que tudo tem que estar amarrado dentro do anticapitalismo, porque se você acreditar que tem uma luta antirracista que dá pra caminhar junto com o capitalismo, me desculpa, é armadilha, armadilha, mano, armadilha, truta. Mas a Djamila está fazendo. Armadilha, parça, tem várias

armadilhas acontecendo aí, irmão. E, com todo respeito, quando eu cito o nome, tenho muito respeito também pela Djamila, assim como tenho pelo Lula e tal, quando eu cito esses nomes é pra usar como exemplo dentro de uma crítica que é geral, não especificamente a pessoa, tá ligado? Porque, assim, a minha rua onde eu moro ficou conhecida como Rua da Lama, porque é uma rua de terra, uma descidona, aí quando chovia descia lama lá pra baixo e entrava na casa dos vizinhos. Aí os vizinhos com raiva disso apelidaram a nossa rua de Rua da Lama. Eu nasci na Rua da Lama querendo ser o Jay-Z. Olha as armadilhas, olha as armadilhas, certo? Aí eu vi o Jay-Z com dente de prata, os caras tudo com dente de prata, eu catava alumínio e colocava no dente assim e ia pro baile pra parecer de prata a caminhada. Falava assim: “Caralho, o Jay-Z é foda, negão, rico, dos Estados Unidos, o cara é foda”. Fala sério, sabe o que é foda mesmo? Se pra cada um Jay-Z uma Cracolândia deixasse de existir era foda mesmo, mas não é assim que funciona. Porque hoje eu analiso a caminhada do racismo, por exemplo, e pra mim o pior racismo que tem é os pretos não terem dente na boca, nós morarmos nas beiras dos córregos, nós não conseguirmos nos alimentar direito, comendo salsicha a vida toda. Uma coisa pra nos foder é salsicha, puta que pariu, mano, nós passamos a vida toda comendo salsicha. Não tem comida, compra salsicha. Salsicha não alimenta direito, truta, entendeu? Então, olha só, a gente não consegue comprar um peixe, salada. Parece que salada pra nós é só alface, tomate e cebola. A gente não consegue comprar um agrião, não consegue comprar um palmito, não consegue comprar um bagulho diferente. Aí, falam assim: “Corona, fica em casa”. Aí a pessoa pega coronavírus e falam assim: “Se alimenta bem”. Como você vai se alimentar bem? Não tem como, truta, não tem como, entendeu? Então pra mim o que mais priva as pessoas da liberdade é a propriedade privada, mano, é a propriedade privada. Você quer ter posse das coisas, você quer ser dono das coisas. Como vai ser dono das coisas? Bagulho besta, bagulho pequeno, bagulho mesquinho, mano. Minha casa, meu carro, minha roupa, minhas coisas, muito mesquinho isso aí mano, muito pequeno. Você pode ser dono do mundo se a gente não quiser ser dono de nada. Entendeu? A gente pode ter acesso a tudo se a gente não quiser ser dono de nada, entendeu? Olha a liberdade aí, mano. Meu pai falou pra mim, o ser mais livre é passarinho, o passarinho não se sente dono de nada, então ele pode ser dono de tudo, entendeu? Isso pra mim é a grande caminhada, fugir das armadilhas. E fugir das armadilhas, mano, caramba, é cansativo, porque é

15

16 cada coisa que parece solução que não é solução, sabe? Você escuta o rap, o rap fala assim: “Pretos no topo”. Aí você fala: “Que bacana”. Aí depois você pensa: “Pera aí, o topo não deveria nem existir, o topo por si só já é o problema independente de quem vai estar lá. Se existe o topo, existe alguém embaixo”. Aí os manos falam assim pra mim: “A favela venceu, Galo”. Daora, depois eu analiso e falo: “Armadilha, como é que a favela venceu se a favela ainda existe?”. Por outro lado, é armadilha em cima de armadilha. Como você vai matar esse sentimento dentro do mano, de “a favela venceu”, sendo que dentro do mano é um sentimento de avanço? Ele tá falando “a favela venceu” porque de fato é isso que ele quer mesmo, vencer. Tudo bem, está inserido dentro de uma armadilha. Ou seja, como quebrar essas armadilhas, como fugir dessas armadilhas, é foda, mano, é difícil pra caralho. Eu tinha um parceiro que fazia uma rima que era assim: “Enquanto você assiste a novela, já traçaram outro plano contra a favela. Enquanto você assiste a novela, já traçaram outro plano contra a favela”. Ou seja, armadilha em cima de armadilha, mano. Hoje eu tenho uma percepção que é assim, imagina que nós estamos numa sala passando fome, todo mundo sofrendo no bagulho, todo mundo: “Carai, não tem comida, o bagulho está louco”. Do outro lado, tem outra sala que as pessoas estão comendo bem, se vestindo bem, vivendo bem, certo? Aí nós ficamos olhando pela fechadura e falando: “caramba, o povo lá se diverte”. E nós não temos coragem de arrombar a porta e ir lá. Aí aparece uma pessoa corajosa e fala assim: “Quer saber, que se foda, eu vou lá, vou entrar”. Aí o cara entra lá no outro lado, o cara entra lá na outra cela, aí ele vê comida pra caramba, vê gente pra caramba. A burguesia é tão inteligente que a burguesia em vez de falar: “Ô, o que você está fazendo aqui, você entrou aqui?”. Ela fala assim: “Senta aí, o que você quer comer? O que você quer beber? Você é inteligente, caramba, você é bonito”. Porque se tem um bagulho que o Mano me ensinou uma vez... eu estava aqui no baile funk e o Mano chegou e falou assim: “Galo, nós somos os burros e os feios”. Eu falei: “Os burros e os feios?”. Ele falou: “Olha pra nós, nós queremos ser os caras, bebendo o uísque dos caras, querendo vestir as roupas dos caras, consumindo as marcas dos caras, os caras fazem a gente se sentir burro e feio, certo? E eles se vendem como bonitos e inteligentes, pra gente querer parecer eles. E nessa onda de querer parecer eles, a gente acaba deixando eles ricos, porque o capitalismo é assim, ele fabrica o problema pra te vender a solução”. Aí o cara entra dentro dessa sala e a burguesia dá comida

pra ele, dá uma roupa legal pra ele e dá uma caixa cheia de restos, porque ele tem uma necessidade de voltar pra ajudar as pessoas. Aí ele volta com esses restos e as pessoas não sabem o que é comida porque não entraram na sala e acham que resto é comida, e agora esse cara vai virar um agente da burguesia, porque ele é muito bem visto na outra sala porque ele está levando comida, que na verdade é resto. Qual era o trabalho dele? Explodir aquela sala, botar todo mundo pra dentro e falar: “Olha a parada que tá acontecendo”. Mesmo assim, a armadilha ainda está em plano porque mais pra frente ainda tem uma sala com mais comida ainda. Aquele povo que a gente achava que nos oprime também está sendo oprimido por alguém acima deles, mano. É armadilha em cima de armadilha, e a gente conseguir se livrar dessas armadilhas é difícil pra caramba. Então, pra mim, hoje, o maior desafio que tem nosso é fugir dessas armadilhas. “Ah, o Bolsonaro está lá!”. Pior que o Bolsonaro é o que tá acontecendo na rua. Pior que o Bolsonaro é o bolsonarismo. Derrubar o Bolsonaro não significa derrubar o bolsonarismo, certo? Acabar com fascista não significa acabar com o fascismo. Mais importante do que lutar contra isso, contra esse personagem único, é lutar contra o rastro de tragédia, de merda, que esse cara tá deixando. Não só esse cara, mas toda uma coisa que está em volta dele. Porque é isso que aconteceu, sabe o que aconteceu? 17 Nós estávamos lá sofrendo no meio do mato, aí nós fomos até a praia. A burguesia não gostou. Aí a burguesia criou essa onda fascista, matou boa parte de nós, mandou todo mundo de volta pro mato, porque a gente ficou com medo da onda, e agora a praia está limpa. Eles não vão querer a onda agora atrapalhando a praia. Eles vão querer ocupar a praia de novo porque os ricos são assim. Eles dão o nome das filhas deles de Sofia, aí a gente começa a dar o nome de Sofia pras nossas filhas e eles mudam, eles começam a dar o nome de Maria pras filhas, porque eles não querem nada parecido com a gente, eles não querem contato nenhum. E nós estamos caminhando por um caminho onde a burguesia tá se escondendo, a burguesia não quer ver nós, truta. A burguesia não quer andar de carrão pelo Brasil, parar em um sinal e ver uma criança pedindo dinheiro, isso incomoda. Eles querem que a gente se esconda. Não querem ver, eles querem achar que o mundo é perfeito, eles querem fazer merda pra caramba, querem ser opressores pra caramba, querem foder com tudo e ainda querem ter o sentimento de que estão ajudando. Como ele vai fazer pra fazer toda essa merda e ainda sentir como se estivesse fazendo o certo? Esconde a gente, é só não ver, é só não ver gritar, é só não ver doer, entendeu?

18 É só não ver gritar, é só não ver doer, mano. Se você não vê gritar, se você não vê doer, não está acontecendo. Se você não está ali com o olho na sua cara, se a criança não está ali batendo na sua porta falando assim: “Tio, me dá um real”, entendeu? Eu não estou vendo, não tem problema nenhum. É isso que estão fazendo, a gente está cada vez mais escondido. Pra finalizar, eu falo pra caramba, se deixar, eu acelero porque sou motoboy, você tá ligado? Se deixar, eu acelero, vou embora e não paro mais. A caminhada, pra finalizar, eu perguntei uma vez pra um parceiro, falei assim: “Por que na América Latina, os países que foram colonizados pela Espanha, eles são muito mais agressivos na luta, muito mais incisivos na luta? Eles vão muito mais pra cima, sabe? A gente começou a questionar estátua agora, os caras já estão questionando estátua faz tempo, tem todo um bagulho”. Ele virou pra mim e falou assim: “Galo, mano, tem que entender as touradas. Eu falei: “As touradas?”. “As touradas, mano, tem tourada na Espanha e tem tourada em Portugal. Em Portugal, o toureiro vai espetando o boi e o português vai falando olé, vai vendo o boi sofrer, vai vendo o touro sofrer. Quando o touro está pra ser morto, eles levam o touro pra um lugar reservado e matam, porque o português gosta de ver sofrer, mas não quer ver morrer, entendeu? Gosta de ver sofrer, mas não quer ver morrer. Aí, na Espanha, eles vão espetando o touro e eles vão gritando olé, olé. Na hora de matar o touro, eles matam na frente de todo mundo porque o povo espanhol gosta de ver o touro morrer. Então nós fomos colonizados pelos portugueses e os portugueses trouxeram essa herança maldita aí... a burguesia de lá gosta de ver o touro sofrer, mas não gosta de ver o touro morrer”. Um tempo atrás a polícia me perseguiu aqui na Raposo Tavares, vinte viaturas me perseguiram. E eu senti que os caras iam fazer maldade comigo, vamos ser sinceros, eu estou numa kombi com vinte viaturas atrás de mim, me seguindo. Não tem como você não sentir que os caras vão fazer maldade contigo. No meio da Raposo Tavares os caras deram um tiro no carro onde eu estava, certo? Eu falei foda-se, vou levar lá pra Paulista. Chegou lá eu perdi o controle e bati no prédio da Fiesp, certo? Porque, qual era o meu pensamento? Se eles querem ver o touro sofrer, eles vão ver o touro morrer também, eles não vão me matar na minha quebrada pra ninguém ver. Se eles tiverem que me matar, eles vão me matar na Paulista. Todo mundo vai ver, mano, vai ver o sangue espirrar na cara. “Mata eu, burguês, mas o meu sangue vai espirrar na sua cara, você vai ver, truta, você vai ver, firmeza?”. Então, se tem uma coisa que eu aprendi, e isso talvez choque as

19 pessoas, porque é muito louco, é que essa noção da vida pra nós é diferente. Você cresce vendo um amigo entrar pro crime e morrer, ser preso, morrer num acidente de moto. Nós não se enxerga velho, aqui onde a gente nasce, nós não se enxerga velho. Nós só vamos nos enxergar velho depois dos trinta, quarenta, e ainda tem os doidos que com trinta, quarenta anos não conseguem se enxergar velhos, parece que nós não passamos dos vinte e sete, parece que nós não vamos passar. Então a gente vive a vida como se a vida não fosse tão valiosa assim, truta. Até porque, onde nós moramos, aqui não tem um grupo de idosos forte assim, sabe? Nós não se enxerga velho. Agora, o playboy já nasce se enxergando velho, o playboy já nasce pra dominar a empresa do pai, entendeu? Nós já nascemos com a sensação de que fodeu, tem até aquele meme que a criança nasce no SUS e fica puta, reencarnei pobre de novo, não acredito. Nós já nascemos falando: “Ih, fudeu, fudeu, truta”. Ou seja, a nossa percepção da vida é um pouco diferente da percepção do playboy. Se tem uma coisa que eu aprendi com essa fita das touradas é que eu posso escolher como morrer, essa é a verdade. Aí choca isso, mas eu posso escolher morrer debaixo de um ônibus, eu posso escolher ser motoboy e morrer debaixo de um ônibus ou eu posso morrer na cara do boy, entendeu? Ou eu posso morrer atacando o boy. Eu posso escolher como morrer, eu que controlo a minha vida, truta. Eu que decido as coisas da minha vida, falou? Eu que me entendo na caminhada. Por isso que eu falo que essa noção de vida e de morte pra nós é diferente. Aqui na periferia nós transamos sem camisinha, olha só como é a nossa mentalidade. Tem que mudar? Claro que tem que mudar, mas tem que fazer um trabalho pra mudar isso aí pra caralho. Mas a situação que está posta é a situação que eu tô falando. Nós fazemos sexo sem camisinha, nós andamos de moto em alta velocidade, nós andamos armados, nós bebemos. As nossas drogas são ruins pra caramba. As drogas dos boys são até roxas, as drogas que nós usamos aqui é prensada, velha, cheia de problema, a dos boys é limpinha, bonitinha. E quando os boys começam a dar problema com droga, eles viajam pra Austrália. Vão lá fazer a reabilitação, voltam e administram a empresa do pai. Nós viramos moradores de rua, truta. Se nós nos afundamos nas drogas igual os boys se afundam, nós viramos moradores de rua. Aí a menina engravida na adolescência no Brasil, da família reacionária, vai tirar férias na Austrália e volta sem o neném, entendeu? Aí é muito louco. Pra finalizar mesmo, está vendo como eu acelero a moto e vou embora? Pra finalizar mesmo, agora de verdade, o útero de uma mulher

Eu tenho usado muito o pessimismo ativo para pensar porque alguns de nós acham que temos a obrigação de propor alguma coisa melhor do que o capitalismo. Eu falo: “Gente, o futuro é incontrolável, não tem como a gente propor, a gente não sabe o que vem depois do capitalismo”. A urgência agora é destruir a propriedade privada, é destruir o capitalismo. Se o que vier depois for pior, e pode ser que seja, nós não sabemos, mas a gente tem a urgência da vida como movimento, para produzir mais vida. Eu gosto muito de lembrar do jeito da minha mãe administrar as contas de água e luz. Em um mês ela atrasava a luz e no outro ela atrasava a água. No mês que ela atrasava a água, ela pagava a luz, e no mês que ela atrasava a luz, ela pagava a água. Não se trata de deixar de sofrer porque não pagou a conta, mas de não sofrer todo mês pela mesma conta. Porque quando nós sofremos por sofrimentos diferentes, é sinal que a vida se moveu. Viver é uma aposta perigosa, se a gente não se move, a gente não sabe os resultados que conseguimos. Mas também quando a gente idealiza sempre esse resultado futuro, a gente pode cair na esperança como afeto triste, que é a esperança do esperar. Eu tenho esperança de que vai dar certo. Você está agindo como? Nada, nenhuma ação, nenhum encontro. Por isso surge o pessimismo ativo. Pode ser que eu não acredite que as coisas vão dar assim tão certo. Não é uma questão de fé. É uma questão ética. É a construção de uma ética pela vida. Nós temos que agir porque as coisas como estão não podem continuar. A vida é insustentável. A Butler lançou recentemente o livro “A Força da não violência”. As pessoas dizem: “Ah, a não violência, que coisa bonitinha”. Se a gente fizer uma guerra, o estado de coisas é tão radical que nós morremos juntos. Então, é não violência só como ética de sobrevivência. Por exemplo, queimar uma estátua não é uma violência, não é contra a vida das pessoas, é a favor de uma memória. A violência é a invasão de povos. A violência é algo que se realiza de outra ordem. Eu acho que esse pessimismo ativo é uma forma de lidar com uma descrença no mundo. A gente precisa se envolver em lutas em que a gente consiga fazer alguma coisa. A gente precisa de pequenas lutas. Lutas como, por exemplo, a reforma da praça da comunidade, juntar a comunidade e fazer um mutirão para construir a casa de alguém, sabe? Essas pequenas ações comunitárias vão reabilitando o senso do comum. As ocupações das escolas pelos jovens em 2016 indicaram isso. Eu visitei algumas ocupações em São Paulo, Goiás e no Ceará.

num país de terceiro mundo é uma fábrica de trabalhadores, mano, o sistema vê o útero de uma mulher em um país de terceiro mundo como uma fábrica de trabalhadores. Meu parceiro fala assim, quem controla os úteros controlará a humanidade. E é por isso que eles não deixam as mulheres controlarem o próprio útero. Eles precisam de operários, eles precisam de trabalhadores, eles precisam de serviçais, eles precisam de atendentes de telemarketing, precisam de entregadores, precisam de motoboys, certo? E se a mulher controlar o próprio útero, ela não vai fabricar motoboys, ela não vai fabricar serviçais pro burguês. Ela vai fabricar o melhor ser humano do mundo, entendeu? Ela vai querer fabricar o melhor ser humano do mundo, se ela tiver o controle sobre isso. Por que qual é a mãe que vocês conhecem que abandona os filhos? Tem uma ou outra, mas, no conjunto geral, as mães não abandonam os filhos, certo? Então, se você entregar o controle do útero pras mulheres, o sistema já perde muito. Então, às vezes nós pensamos que é uma luta pequena... “Ah, essa luta é uma luta identitária, Galo”. Eu falo: “Não”. Às vezes nós pensamos que uma luta pequena não muda a situação, e muda pra caralho. Quem controlar os úteros controlará a humanidade. O útero é visto como uma fábrica de trabalhadores, já pra nós, não, pra nós é o lugar mais perfeito que tem, certo? Porque quando o bagulho está dando muito errado pra você, pra onde você quer voltar? Pro colo da sua mãe, às vezes até pro útero mesmo. Eu falo isso pros manos: “A gente tem que voltar lá pro útero da mãe da gente e sair renovado. Temos que renascer. Nascer de novo, nascer com uma outra ideia. E dessa vez nós não vamos nascer pra servir eles, dessa vez a gente vai nascer pra atacar eles, pra ir em cima das ideias”. É isso, falo pra caramba, devo ter falado um monte de besteira, mas também acho que falei umas coisas daora, beleza? É nós.

Bruno Siniscalchi

A Nelma Cabral pergunta: “Helena, poderia explorar mais essa ideia de pessimista ativo?” Depois ela ainda complementa com uma outra pergunta: “Grata pelo destaque das histórias, dos registros de memórias e da produção de um saber pra continuar reafirmando a existência. Tomando a expressão beber veneno a tempo, eu pergunto tanto à Helena como ao Galo, como construir futuros possíveis sem se esconder e sem beber veneno?”.

22 Eu via jovens bagunceiros, detestados na escola, organizando a escola, cuidando da escola. Como ia ter Enem, eles começaram a convidar professores e ativistas para dar aulas e os alunos que tinham facilidade com um assunto ensinavam os outros. Eles ensinaram para nós que essa escola não precisa da nossa administração, que eles têm uma sede de política, mas é uma sede de política local. A gente faz a politização de um jeito que é muito complicado. Você chega para a sua avó e fala: “Vó, deixa eu ver para você aqui, tenho que falar sobre o sistema de capital global para a senhora e como a crise nas Filipinas nos afeta”. Aí a avó olha e fala assim: “Deixa de ser besta, menina”. Não é? Agora, você fala assim: “Vó, quero falar sobre como a posse da terra por gente rica faz o feijão da senhora ficar nove reais”. Aí você trouxe a política para a vida. Existe uma urgência do presente que a gente não se dá conta. É como se a gente estivesse tão inebriada pelas vozes da nossa própria cabeça, pelas vozes da nossa própria certeza, que a gente não escuta a realidade pulsando, a gente não escuta a vida real gritando. A gente está aqui ouvindo a nossa cabeça, os nossos livros, as nossas respostas. Então eu acho que tem um processo de esquecer as nossas respostas, ficar quieto, olhar a conjuntura, a realidade, e parar de fazer essa futurologia equivocada que a gente tem feito. Todas as nossas análises de conjuntura até agora deram errado. Então vamos parar de fazer análises porque não está funcionando. A gente precisa começar a entender o que está acontecendo agora e o que está acontecendo agora não é o que aconteceu antes. A gente fala de fascismo, mas não significa que vai ser igual na Itália. A gente precisa descobrir como essa força está funcionando aqui e agora. Eu estava dando uma aula na USP com o André Singer e ele falou assim: “Nós fomos pegos de surpresa. O povo não quis preferir a democracia”. Eu falei assim: “O senhor já foi à periferia? Porque não tinha uma democracia para defender”. Você vai chamar a pessoa que tem o seu reggae interrompido pela polícia, o seu jogo de futebol interrompido pela polícia, que a polícia mata, e você acha que a pessoa vai defender a democracia? Ela vai dizer: qual democracia? A ideia de que existia uma grande democracia para o povo brasileiro defender é uma mentira. Deveríamos ter sido convocadas na eleição para construir uma democracia, não para defendê-la, sabe? Para construir. Os cientistas políticos têm nome para isso, democracia de baixa intensidade. Mas a baixa intensidade significa a polícia torturando e matando, executando sem julgamento. A baixa intensidade significa uma população carcerária em que mais de 40% dos presos nunca

foram julgados. Estão há anos em prisão provisória. A baixa intensidade da democracia significa que 70% da população carcerária é gente pobre, preta, vinda da periferia. Nós não temos como convocar as pessoas para defender a democracia. Eu acho isso um equívoco. Quem gozou da nossa democracia, gozou a partir de privilégios de raça, gozou a partir de privilégios de classe, gozou a partir de privilégios de capital e cultural. Nós temos uma democracia para construir e eu acho que entendo parte da população que adere ao bolsonarismo, porque elas olham o mundo que a gente pinta e dizem: “Nunca existiu, nunca existiu”. Então a gente tem um desafio que é atravessar esse abismo. Como atravessar esse abismo sem cair nas armadilhas? A primeira coisa é saber que tudo que a gente fizer vai ser capturado. Exatamente, ele sempre se apropria das nossas formas de resistência. A gente precisa recriar incessantemente novas formas de resistência. É um processo de criação incessante o tempo inteiro e às vezes de transformar o veneno em instrumento. A identidade é uma ferramenta. Eu sou uma mulher trans, mas isso não é tudo que eu sou. Quando estou reivindicando direitos para as mulheres trans, vou afirmar essa identidade como se ela fosse minha totalidade. A classe, eu gosto muito que o pessoal que fala “a luta de classe é mais importante”. Eu falo: “Gente, classe é identidade também, viu?”. 23 Como você se reconhece senão de forma identitária entre aqueles que são os oprimidos, entre aqueles que estão na quebrada? Falam assim, você precisa ter consciência de classe. Consciência de classe significa você ter identidade, você precisa se identificar com as pessoas que são da sua classe para poder estar junto. Então classe também é identidade. Quem chama os outros de identitário age como se não tivesse identidade. Identidade todo mundo tem. E as lutas precisam ser intrincadas, não teria capitalismo se não tivesse a opressão do útero. É no século XIX que a medicina postula que o útero tem a função de reproduzir. Por quê? Porque no século XIX se faz a revolução industrial e o proletário. O que é o proletário? É aquele que só tem sua prole, exatamente o que o Galo disse. No século XIX inventam a família nuclear, tiram as mulheres do campo e fazem com que a família seja uma fábrica de gente e a mulher, a máquina fabril. Tem que fabricar gente que vai fabricar mais gente. Por isso a homossexualidade é proibida, porque não é reprodutiva. Essa é uma lógica que perpassa o capitalismo. A minha questão é como a gente consegue organizar. Esse é o desafio do nosso tempo, porque muitos de nós, talvez a maioria de nós, não têm como parar para fazer greve. Às vezes o risco de

parar é muito alto. Então, que tipo de inovação a gente pode fazer para resistir? Acho que a arte é uma dessas, é uma possibilidade de juntar as pessoas, sabe? O rap, o teatro, a música. Só que ainda assim eu fico pensando, como é que a gente pode estar junto? Lembrando que a gente tem o desafio também de domar em nós o desejo de pertencer às classes dominantes. Primeiro porque se todo mundo for rico não tem mundo suficiente, porque o mundo é um mundo de recursos finitos. A gente tem um outro modo de vida para inventar. Como nós faremos isso? Eu não faço a menor ideia e nem sei se faremos, mas perguntar é o primeiro passo, porque a gente tem feito muitas perguntas erradas. Começar a fazer as perguntas certas me parece o primeiro passo.

Natasha Helsinger

Várias questões que vocês levantaram estão totalmente se entrelaçando, cada pessoa à sua maneira, para de alguma forma apostar nessas construções de comuns, como a questão da memória, as relações entre passado, presente e futuro, toda essa dimensão perversa do capitalismo, dessa sujeição, dessa exploração. Uma das coisas que tem me interpelado muito é o que, de alguma forma, produz um certo freio, uma certa amarra, para que esse mundo não mude. Começamos a ver novas formas de experimentação sexual, de gênero, de família, de parentalidade. Existe um pânico em torno disso, como se, de alguma forma, essas transformações fossem retirar a espinha dorsal daquilo que o sujeito branco entende como humanidade. Eu queria saber como você entende esse pânico, podemos até falar do pânico de gênero, mas é um pânico coletivo, o próprio movimento decolonial vai produzindo um pânico. Eu queria te ouvir mais sobre isso, também no sentido de pensar esse roubo do futuro e, ao mesmo tempo, da crise de futuro, pensando isso em relação ao neoliberalismo. Se a gente pensar justamente na ideia de roubo de futuro que o Mbembe vai trabalhar, já articulando uma questão que eu quero colocar para o Galo, esse roubo de futuro também é o modelo da Europa. A Europa se constituiu roubando ideias de passado e de futuro dos povos originários. Em uma entrevista que o Galo deu para a Elástica com o Danilo Biu de Oliveira, ele trouxe muito essa dimensão da esquerda branca. Qual é o papel da branquitude ao operar com essas questões? O ato de incendiar a estátua do Borba Gato de alguma maneira produziu uma divisão até nos setores progressistas, segundo o Galo, inclusive entre as pessoas que tinham defendido o Black Lives Matter. Começou a

entrar em uma certa divisão, inclusive não só da direita. “Estão querendo apagar a história” e sei lá o quê. Que história é essa? A história da Europa. Tem toda essa divisão que o Galo aponta também na própria esquerda. Por que setores da esquerda, e a gente pode incluir a branquitude, não positivaram o ato ou reagiram ao ato? Me interessa pensar essa questão porque, de alguma forma, o Galo e o Biu trazem uma ideia muito interessante nessa entrevista. Se tivesse uma estátua de treze metros do Hitler na Alemanha e o povo judeu fosse lá derrubar, ninguém ia falar nada, ninguém ia questionar. Mas é o Borba Gato. Aí começam a questionar, e ele fala uma frase muito forte: “Nós somos um povo também, a gente não nasceu da jaca”. Então, por que na Alemanha o Hitler poderia ser derrubado e aqui o Borba Gato não? Fica essa questão. Eu acho que o Galo traz isso muito pela dimensão da classe. É justamente a classe que faz com que parte desses segmentos mais progressistas de alguma forma não entendam o ato simbólico crucial que é essa resignificação dos monumentos históricos que foram elencados como heroicos num país fundado no genocídio. Essa entrevista que o Galo e o Biu deram para a Elástica é muito interessante porque eles interpelam a esquerda branca. Quando eles falam: “Está procurando casa em Santa Cecília? Por que não aluga em Paraisópolis, por que você não pega esse conhecimento acadêmico todo, sai da Zona Oeste e vai para a favela descentralizar informação?”. Ou quando eles questionam também e propõem justamente que essa construção tem que se dar na favela.

Paulo Galo

Mano, eu vou ser sincero com você. Tem uma coisa que me incomoda na esquerda, num playboy de esquerda. Tem uma playboyzada de esquerda paz e amor que me incomoda muito, tá ligado? Porque, quando eu vejo um playboy que está lá na esquerda cuidando da samambaia dele dizendo: “Gente, vamos com calma, não é assim”, eu fico imaginando falando assim, mano, esse playboy nasceu ganhando video game, foi pra Disney, teve uma vida toda de paz, só teve paz na vida, e esse cara quer mais paz? Quando você vê uma pessoa pobre, periférica, favelada, falando de paz é porque a vida dela foi uma guerra constante e agora ela quer um pouquinho de paz. Agora, o cara teve paz a vida toda e quer mais paz, você fica se questionando, falando assim: “Caramba, quer paz mesmo esse povo?”. Esse debate de reconhecer privilégio precisa avançar. Não é mais sobre reconhecer privilégio, é

toda, você acha que o cara não sabe que ele é pobre? O cara está pegando cesta básica na creche da filha, o cara não sabe que é pobre? O cara sabe. O que está faltando é ódio de classe. Está faltando consciência de classe na classe média. Nas periferias, aqui na favela, sobra consciência de classe. O que está faltando é ódio de classe, é saber que a gente tem um inimigo, é olhar e falar: “Opa, a gente tem um inimigo”. Então, você reconhece o seu privilégio? Por que você não passou pro lado de cá ainda, bonitão? O barato vai ficar louco, firmeza? E se você tiver aí na hora que a gente avançar esse ódio de classe mil grau, a gente vai passar por cima de você, reconhecendo privilégios ou não. Reconhecendo os privilégios ou não, o trator vai passar por cima de vocês, entendeu? A vida não é só musiquinha bonita que vocês gostam de ouvir, nem essa samambaia crescendo não, o barato está louco, bonito. Firmeza? Ou seja, mano, tem que ter medo de nós, não tem esse negócio de “Esse povo precisa de ajuda”, grudo no seu pescoço, toma cuidado.

Helena Vieira

Eu concordo muito com isso de que a gente precisa avançar, esse negócio de reconhecimentos e privilégios. É interessante porque essa 27 é uma ideia quase cristã. Se a pessoa reconhece, fala: “Eu sou branca, desculpe, deus perdoa”. Aí você faz o que depois? Reconhecer privilégios e fazer o que depois? Abdicar é você colocar aquele seu privilégio a serviço inclusive da classe trabalhadora. Eu acho muito interessante que as pessoas dizem: “Nossa, nós precisamos de mais LGBTs nos congressos, no congresso institucional, nas assembleias, a gente precisa de mais trabalhadores”. Aí chega a eleição, colocam ali um avatarzinho na foto do facebook, está ótimo. Não doam dinheiro, não doam corpo, não doam tempo, não participam, não é? A questão é como você pode materializar essas ações. Porque não se trata mais de ideias, não se trata mais de uma questão de linguagem, gente. Nós já falamos todas as palavras pra ser ditas, nós já pensamos nas ideias pra ser pensadas, a gente precisa fazer as coisas, não é? Eu entrei em um debate esses tempos na revista *Cult* com o Vladimir Safatle. Ele publicou um texto dizendo assim: “Não existem heterossexuais”. Aí veio então o Eduardo Leal e fez outro texto chamado “Há homossexuais”. Eu falei: “Gente, um homem diz que não há héteros, o outro diz que há homos”. Parece que parou todo mundo em Maio de 68, não tem mais nada. “Olha, eu sei que em briga de lacanianos é melhor faltar”, escrevi no

sobre abdicar de certos privilégios. “Reconheço, reconheço que eu sou privilegiado, reconheço mesmo que eu como bem, que eu vivo bem, que eu moro bem. Reconheço, é isso que vocês querem? Reconheço”. Não dá, certo? Precisa que se abdique desses privilégios aí. Na faixa da revolução periférica vamos colocar assim: “A favela vai descer e não vai ser carnaval”. A frase é uma adaptação da música do Wilson das Neves. Aí o pessoal de esquerda disse que, olha só, não é um grupo de periféricos porque eles estão usando uma frase de uma música que a periferia não escuta. Eu falei: “Caramba, o Wilson das Neves é preto, periférico e não é nosso, os boys são audaciosos mesmo”.

O cara é preto, canta samba, música de preto, vem da favela, mas não é nossas as ideias, é deles. Então essas ideias de reconhecer privilégio, eu acho que vai ter que avançar. Foi bom ter um momento disso aí, reconhecer é louco. O cara é dependente químico, primeiro ele precisa se reconhecer como dependente químico pra depois solucionar aquele problema. Então não é de todo errado reconhecer os privilégios. Mas já reconheceu, e agora abdica amigão. Meu filho quer ir pra Disney também, bonito, entendeu? Meu filho também quer esses privilégios. Disney não, Disney é um jeito de falar de coisa que a playboyzada vive, mas meu filho quer ir lá pra Cuba conhecer também, quer ir pra China, quer ir pra Rússia, quer ir pra Palestina, quer conhecer o mundão também, falou, mano? Como é que vai fazer? Eu reconheço, meu filho esses dias foi pra fora, a gente é privilegiado mesmo, e aí? E aí, truta? Não vamos avançar, não vamos seguir em frente na caminhada? Vai ficar parado nessas ideias aí até quando? Ou seja, porque não vem alugar uma casa na favela, na periferia, e vem descentralizar essa ideia, vem trazer esse dinheiro aqui. É muito louco, o racismo do Brasil é um barato muito louco. Pra mim o melhor racista que tem é o Bolsonaro. “Nossa, o melhor racista é o Bolsonaro”, o Galo falou. O melhor racista é o Bolsonaro, por quê? Porque ele dá a chance de eu reconhecer ele como inimigo. É isso, mano, deixa eu ver sua cara, inimigo, deixa eu ver sua cara, inimigo. O pior racista que tem é aquele que dá tapinha nas suas costas, toma cerveja com você, mas nunca vai querer que você case com a filha dele, nunca vai querer que você seja sócio dele, que você more no bairro dele, que você conviva com ele, certo? Esse tipo de racismo, de classismo, o Brasil está forrado, essa hipocrisia que tem aí. Ou seja, eu acho que a gente precisava avançar, eu não acho que falta consciência de classe nas periferias, não acho. Eu acho que as pessoas aqui sabem que são pobres. O cara está comendo macarrão com salsicha a vida

que vai manter a mulher como unidade reprodutiva, que vai manter a mesma noção de classe. Esse futuro precisa ser abolido, a gente precisa fazer um futuro inclusive em que nós possamos construir entre nós outras relações. A Donna Haraway faz esse convite, ela diz assim: “Que tal a gente não fazer mais bebês? Vamos fazer parentes?”. Então, como eu consigo me tornar parente do Galo? Como eu consigo me tornar parente do Bruno, como eu consigo me tornar parente da Natasha? Como é que nós podemos estabelecer uma relação de familismo, que faz com que nossas ações nos conduzam à proteção do corpo e da vida um do outro? Então você fala assim: “Eu tenho compromisso com a classe trabalhadora”. Você tem que pensar assim, como é que a classe trabalhadora se torna parente sua? Como é que você começa a habitar o mesmo mundo? Eu acho que uma frase nesse caso seria uma comunidade de fratelos, entre fratres, uma comunidade de irmãos, irmãos são por definição parentes, então parentes ou fratres dá na mesma.

Bruno Siniscalchi

Talvez achar alvos em comum seja uma maneira da gente virar parentes, não é? Tem um primeiro alvo que é o nosso próprio sistema democrático. Ele mesmo é instituído, é bem manco e precisa ser um alvo de deformação que faz imediatamente todos nós parentes, me parece.

Helena Vieira

A proposição de parentesco que eu acionei aqui, da Donna Haraway, é inclusive trans específica, ou seja, ela pode atravessar espécies. Como me torno parente das árvores? Só que eu não ia levar essa brisa aqui porque a gente está discutindo luta, não vou brisar no nível de como é que eu me transformo em parente de seres não terrâneos. Mas é essa a discussão que a Haraway faz.

Bruno Siniscalchi

A Mariana coloca: “A ideia de sobrevivencialismo, de usurpação do futuro, parece organizar as subjetividades das pessoas marginalizadas e mantê-las presas a correntes mais ou menos longas e longe da vista, como diz o Galo. Como a gente descoagula a memória como estratégia de resistência e descolonização, se a maior parte da população marginalizada não tem expectativa de viver mais de vinte e cinco anos?”.

meu texto. “Nem héteros nem homos, cansei”. Para o Safatle, dizer que não existem heterossexuais era uma forma de se desidentificar dessa posição de poder e, portanto, combater a heterossexualidade. Eu falei assim: “Deixar de ser heterossexual é se engajar em práticas não heterossexuais. Te convido a dar o cu”. A *Cult* cortou esse trecho, mas eu fazia esse convite. Você precisa se engajar em práticas, porque são práticas que constroem os sujeitos. Abdicar do privilégio significa o quê? Significa construir outras coisas, você fazer outras coisas, você habitar outros lugares, encontrar outras pessoas. No meu ativismo como trans, como trans e travesti, tem uma dimensão que é a favor dos direitos das travestis e transexuais, mas você chama alguma pra ir na sua casa? Não chama. Porque esse corpo não é um corpo de família, esse corpo não vai na casa das pessoas, esse corpo está nas esquinas, ele frequenta outros lugares. Eu falei: “É uma questão de construir práticas, porque os sujeitos que vão operar revoluções precisam ser sujeitos revolucionários, só que eles só são revolucionários na medida em que estão fazendo algo, porque são as práticas que consolidam os sujeitos”. Quando eu falo sobre engajar-se em práticas não heterossexuais, o que eu estou dizendo é que são práticas sexuais hegemônicas que constroem esses sujeitos sexualmente hegemônicos. Não estou interferindo na vida sexual dos outros, mas o que eu estou dizendo é que a única proposição política capaz de promover desidentificação é no âmbito da prática, é no âmbito de encontros que deformem as nossas certezas, que deformem as nossas formas de saber e de fazer. Falei assim: como a gente vai habitar o fim do mundo? Vamos perguntar pros indígenas. O mundo deles acabou há muito tempo e fomos nós que destruímos. O Kopenawa diz isso em *A queda do céu*: “Nós somos um povo que temos um *knowhow* de viver em um mundo que já acabou”. O mundo que os indígenas habitam foi destruído há muito tempo e eles habitam um mundo em que são agora estrangeiros. Então nós temos que encontrar outra forma de fazer e buscar outro modo de vida. Não é uma questão de linguagem, é uma questão de inventar e realizar outros modos de vida, outras relações entre nós. Então, por exemplo, como você pensa o futuro? Tem um autor da teoria queer chamado Lee Edelman que escreveu um texto chamado “No Future”, em que ele diz assim: o futuro é coisa de crianças, porque a gente diz que precisa deixar um futuro pros meus filhos, nós temos que cuidar do planeta pra deixar pros meus filhos. Só que esse futuro é sempre um futuro reprodutivo, esse futuro pros seus filhos. A gente está sempre pensando em um futuro que vai manter a família nuclear,

Eu vou só comentar isso bem rápido porque o Galo já deu essa resposta. Quando ele foi perguntar pro pai dele o que era propriedade privada, não é? Ele diz assim: “Eu fui lá já achando que eu ia ensinar meu pai e chegando lá meu pai já sabia”. Quando ele se dá conta que o pai dele já sabe o que ele supunha ensinar, significa que o pai dele tem memória, porque esta se organiza na experiência que ele tem no mundo. A memória do pai deforma e desfaz as certezas do filho. No fim desse processo, nem pai nem filho são mais as mesmas pessoas. Eu acho que a maneira de desembolar a memória é nós valorizarmos o saber e as memórias naqueles lugares que a gente não espera que haja saber e memória, inclusive nas elaborações fictícias, porque a memória não distingue realidade e ficção. Vocês mesmos, se vocês forem contar para mim o que fizeram na semana retrasada, vai ter centenas de coisas ficcionalizadas. Então essa memória que pode ser ficcional, ela também tem algo a dizer, ela diz e faz algo conosco. Então é preciso que, quanto mais para longe a gente olhe, imaginando que as práticas que têm que ser realizadas estão muito distantes de nós, mais a gente cai na armadilha neoliberal de que é preciso só um grande acontecimento, uma grande catástrofe, uma grande coisa. Não são os grandes acontecimentos. Os grandes acontecimentos constroem uma história que é a história do neoliberalismo. O neoliberalismo faz uma história como se só grandes heróis, grandes acontecimentos, pudessem modificar as coisas. Mas as coisas se modificam cotidianamente, as grandes mudanças acontecem por transformações no tempo, não é? Essas transformações se realizam justamente através de práticas cotidianas. Eu sempre digo assim: “Cara, se você é socialista, tem práticas cotidianas que vão fazer com que você se torne esse sujeito, sabe? E não é só a leitura de um conjunto de ideias, porque nós não somos só a razão, nosso corpo produz conhecimento”. Quando você está dirigindo e você vira em um momento que você não sabia que ia virar, você nem conseguiu pensar, mas você reagiu com o corpo, porque o corpo também produz conhecimento. A gente tem muito conhecimento de cabeça, mas a gente não pratica aquilo que a gente pensa suficientemente para construir conhecimento de corpo, que é esse saber do corpo. É esse saber do corpo que o neoliberalismo nos toma. Nos toma esse saber do corpo quando nos amortece com os seus gostos revolucionários. Você assiste a um filme, você assiste a um desenho. Tem uns filmes cult que não são

cult o suficiente para só o público cult ver, mas também não são populares o suficiente para todo mundo ver. Quem fica vendo é mais ou menos de esquerda e a gente fala para o outro, você precisa ver aquele filme, nós precisamos ser iguais àquele filme. Você olha para a cidade, para o sertão e para a favela e fala: lá é aquele lugar. Você está lá? Não, mas só porque você assistiu aquele filme, todo o seu gozo de revolução já foi masturbado, então você não tem mais nada a fazer, você já gozou, está ótimo. Assistiu ao seu filme incrível e se sente uma pessoa super boa porque você se indignou com a maldade dos maus e amou a bondade dos bons. Essa é uma forma de captura da potência revolucionária através do gozo, não é? Recebemos pequenas pílulas de gozo delivery revolução. É a revolução delivery. Ela chega, a gente consome e tá bom. Não é o suficiente para mudar nada, mas é o suficiente para consumir o nosso ímpeto de mudança. A gente fica nessa revolução brocha que a gente vê que é a esquerda brasileira. É isso.

Paulo Galo

Valeu, pessoal. Gratidão, é isso aí, mano. Foda esse papo da Helena, isso é caminhada mesmo. Vamos parar de bater essa punheta revolucionária em casa e vamos para a rua transar.

Eco
junho de 2023

Bruno Siniscalchi & Natasha Helsinger

Fazer-eco é um exercício que incorre em muitos riscos. O eco em si já é o recorte de uma enunciação, o que o coloca, inevitavelmente, insuficiente em relação ao seu original. E como fazer eco da voz do outro? Isso impõe uma outra questão: há uma decisão de recorte que intervém em uma fala que não é sua. Claro que, com isso, algo de inédito pode se dar, ao fazer reverberar algo que não estava originalmente previsto pelo agente da enunciação, ao mesmo tempo que, na potência mesma desse gesto, certos dizeres correm o risco de passar despercebidos. Por outro lado, nos parece que há justamente nesse movimento uma convocação que nos situa eticamente diante do original. Na medida em que tomamos o eco como uma leitura recortada da voz do outro, temos a oportunidade de estabelecer um laço até então imprevisível. Pensando ainda na dimensão de arquivo, também posta aqui, ao nos darmos a chance de escutar e fazer reverberar os ecos de um arquivo, alguma mobilidade sobre ele entra em cena. Talvez isso permita, então, que arquivos não sejam arquivados.

Diante disso, como fazer eco das intervenções de Helena Vieira e Paulo Galo na conferência de abertura da jornada “Comum em transe: psicanálise, neoliberalismo e insubordinação”? Como não arquivar a temperatura e a intensidade daquele momento, seja pelas ideias que ali foram lançadas, produzindo um certo rasgo em quem ouvia, seja na própria maneira como se estabeleceu em ato uma aliança entre eles?

Diante das dificuldades de saída para produzir um eco para essas vozes, o que decidimos propor aqui é uma espécie de ressonância, trazendo algumas inquietações que possam, em coro, se somar à força das vozes de Paulo Galo e Helena Vieira.

Imbuídos dessa tarefa, nos deparamos com muitos caminhos possíveis, até mesmo pela amplitude de questões que os dois levantam, como: os limites da democracia no Brasil, tendo em vista o racismo estrutural e a desigualdade social que marcam, de maneira vergonhosa, nosso país; as relações entre capitalismo neoliberal e meritocracia, bem como o “roubo do futuro” que isso gera, implantando o regime do “sobrevivencialismo”; a problemática da propriedade privada e como ela confronta a ideia de liberdade; a dissolução dos laços comunitários em nome do individualismo; a relação entre conservadorismo e melancolização que institui um esgotamento do presente e um consequente apego glorioso ao passado; os regimes de apagamento da memória acompanhados das práticas de exploração da população negra e da classe trabalhadora; os efeitos violentos da normatividade sexual e de gênero; o extermínio da população negra, pobre e periférica; a importância de todas as lutas se entrelaçarem contra o capitalismo.

forma a psicanálise pode ser pensada por meio de certas convocações que estão sendo feitas, como as de Paulo Galo e Helena Vieira. Em outras palavras, nos perguntarmos não como a psicanálise pensa o Brasil, mas de que forma a psicanálise está sendo vista pelo Brasil atual.

Levantar essas questões implica interrogar qual concepção de país consideramos ao afirmar uma psicanálise brasileira: o Brasil da “Ordem e Progresso” ou os Brasis dos “Negros, índios e pobres”, das “Marias, Mahins, Marielles, malês”, como ecoou o samba da Mangueira de 2019? Nesse sentido, as ideias do Galo e da Helena nos parecem centrais, pois nos convocam a um trabalho de descolonização da memória, e não podemos deixar de pensar que implicações isso traz para o campo psicanalítico.

Helena Vieira denuncia como o pacto oligárquico dominou as grandes elites e nossos modos de funcionamento, inclusive, de produção de memória. Ela nos pergunta: “Quais foram as revoltas populares que não entraram para a história?”, sinalizando como muitas práticas de resistência foram escamoteadas, como a resistência contra a fome, contra a seca, contra a ditadura. Trata-se de considerar, inclusive, que o recorte de classe dominou o campo de resistência na política da memória, como foi o caso do movimento estudantil na ditadura brasileira². Desse modo, ela indaga sobre as práticas capilares e cotidianas de resistência que não ganharam holofote histórico.

Esse ponto é profundamente trabalhado por Abdias Nascimento (2019) em seu livro *O quilombismo*, em que o pensador mostra uma versão da história brasileira que não é contada de maneira hegemônica. Desse modo, ele parte de uma perspectiva afrocentrada (e não eurocêntrica) que toma outras experiências e atores sociais como pontos de partida para pensar os processos históricos, confrontando, assim, a narrativa do Brasil tal como a conhecemos.

Aliás, ele vai além, indicando, em última instância, que o próprio Brasil da “Ordem e Progresso” se fundou como tal a partir justamente desses apagamentos de memórias, tradições, línguas, como também de resistências. No que concerne à Independência do Brasil³, Abdias

2 Helena questiona, por exemplo, o lugar de centralidade que ganhou o jornalista Vladimir Herzog, como também a música de Chico Buarque e Geraldo Vandré, nos trazendo contrapontos de outras experiências, atores sociais e culturais que sequer ganharam visibilidade. Ela indaga, por exemplo, como as travestis sobreviveram e atravessaram o período da ditadura militar.

3 Inclusive, Abdias Nascimento questiona, frontalmente, o caráter hipócrita da dita Independência, que, na verdade, só encobriu a hegemonia branca e colonial: “Nossos irmãos de Guiné Bissau, Moçambique e Angola compreenderam antecipadamente o engodo desse tipo de ‘independência’ que não passava de um véu tentando cobrir ou disfarçar a violência, a hipocrisia e a crueldade do colonialismo português” (NASCIMENTO, 2019, p. 84). A partir

Sem dúvida, um ponto comum que podemos depreender é que ambos interpelam frontalmente o processo de colonização dos corpos que se opera há séculos no Brasil, bem como sublinham, em contrapartida, estratégias de tessituras de alianças que façam frente a essa lógica colonial. Mais do que falar em alianças políticas, eles a produziram naquele mesmo instante, uma vez que o debate foi cadenciado por um conjunto de interpelações, diferenciações e reivindicações que puderam associar certos pontos de lutas que são muitas vezes vistas como desatreladas. É nesse sentido que reconhecemos no próprio encontro entre eles uma aliança em ato.

Tomando esse gesto de fazer-aliança, entendemos, então, que um trabalho possível aqui é mapear o que dessas provocações nos convoca enquanto sujeitos, cidadãos, e, sem desvios, como psicanalistas. Ou melhor, a nossa aposta como forma de ecoar, e de fazer jus à fala deles, é nos deixar ver como psicanalistas à luz dessas interpelações.

Nos parece que essa questão é crucial, até mesmo para pensar o campo psicanalítico tal como se instalou e se perpetua em terras brasileiras, como se inscreveu, a quem serve e por quem é representado, o que transmite e, em última instância, interrogar se existe uma psicanálise brasileira. E, se de fato existe uma psicanálise brasileira, devemos questionar qual concepção de país consideramos ao afirmar uma psicanálise brasileira.

Esse ponto remete diretamente à nossa instituição¹, cujo nome é Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, desde sua fundação, em 2000, que afirma que seu maior objetivo é “transmitir e divulgar o patrimônio cultural já adquirido pela psicanálise em todos os campos de sua prática, bem como produzir novos conhecimentos”, e, mais especificamente, “possibilitar novas intervenções éticas e políticas na experiência psicanalítica brasileira”. Mas que patrimônio cultural é esse? Que experiência psicanalítica brasileira estamos considerando ao nos enunciarmos nesse campo de ação? E, ainda, nesse movimento de desnaturalização de categorias, a quem estamos nos referindo quando falamos “psicanalistas”?

Isso nos leva a outro ponto de partida: de que modo as reflexões de Galo e Helena interseccionam o que chamamos de Brasil, e também nos provocar a refletir não o Brasil através da psicanálise, mas de que

1 Inclusive, muitas outras instituições de psicanálise em nosso país levam em seu nome o termo “brasileiro”, como todas as Sociedades Brasileiras de Psicanálise, ligadas à IPA, como a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), Porto Alegre (SBPdePA), São Paulo (SBPDSP), dentre outras.

sublinha a importância de quatro heróis negros — Luís Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas, João de Deus Nascimento e Manuel Faustino dos Santos Lira — que jamais foram reconhecidos como tais, diferentemente, por exemplo, de Tiradentes:

O sacrifício desses quatro heróis negros da nossa independência jamais mereceu as honras no primeiro plano da História do Brasil. Eles constituem os heróis e mártires não reconhecidos nem louvados. Bem diferente do que sucede com o branco Tiradentes, enforcado por ter assumido análogas ideias libertárias; este entrou para a história com todas as glórias e louvores do Brasil independente, apesar de ter sido ele mesmo um proprietário de escravos (Nascimento, 2019, p. 83).

Com isso, Abdias revela a lógica racista colonial que orquestra a política da memória em nosso país. Em suas palavras: “Tal tem sido a norma e a regra (...) os mártires negros da nossa independência são sistematicamente esquecidos pela sociedade brasileira ‘oficial’, que considera mais correto e justo declarar o elogio e o reconhecimento nacional de preferência aos vultos brancos de nossa História.” (p. 83).

36 O mesmo aconteceu com Luísa Mahin, mãe do poeta e abolicionista Luís Gama, que foi escravizada no Brasil e teve papel fundamental nas revoltas dos negros na Bahia, sobretudo na Revolta dos Malês, em 1835. Como afirma Abdias (2019): “Gerou Luís Gama, e o perdeu, oh! Iemanjá, orixá das águas fecundas, mãe dos deuses e dos homens. Heroína da história africana e mártir na história do mundo ocidental” (p. 101).

Vale dizer, como sublinha Helena Vieira, que o apagamento dos atores históricos é acompanhado, por consequência, do apagamento dos modos de alianças que foram e continuam sendo constituídos, cotidianamente, de modo que a história oficial não nos conta como muitos sobreviveram. Considerando que as práticas de resistência supõem um conjunto de práticas de aliança, ela nos pergunta, por exemplo, que modos de aliança foram tecidos para que a migrante ribeirinha do Pará chegasse a São Paulo durante a ditadura?

disso, ele mostra como a independência do Brasil não passou de um acordo de cavalheiros (ou ainda, de uma manipulação) entre “aristocratas rurais, políticos e cortesão, todos brancos”, mostrando como o povo negro se viu alijado da possibilidade de incidir na decisão independentista e de participar efetivamente desse processo histórico, o que implicaria em desmantelar, fundamentalmente, as estruturas de opressão e dominação. Desse modo, o povo negro foi “simples brinquedo nas mãos das classes dirigentes, constituídas de portugueses brancos e coloniais” (p. 85).

Fica evidente nessa interpelação de Helena Vieira que um dos efeitos do regime de memória constituidor da história oficial do Brasil é justamente o de aprisionar não só certos atores políticos, mas, mais ainda, interromper a transmissão de certas estratégias ou formas de resistência populares.

Nesse sentido, um ponto crucial é nos perguntarmos como essa reescrita da ideia de Brasil nos convoca a repensar regimes de aliança. Não por acaso, tem sido recorrente, em diferentes espaços da cultura, o gesto de reinventar as bandeiras do “Brasil”. Artistas e ativistas vão ao cerne da questão quando materializam interpelações da ideia de Brasil em sua própria imagem fundadora. Podemos destacar a bandeira-falência do projeto de Brasil colocada em cena pela artista Renata Lucas em “Andar de Cima” (2018), criada no entreato do primeiro e do segundo turno das eleições presidenciais de 2018; a “Bandeira Afro-Brasileira” (2022) do artista Bruno Baptistelli que por sua vez age como uma retomada ao se apropriar das cores da bandeira oficial alterando e escurecendo o território cromático e gráfico da bandeira nacional em um jogo de citações, através da paleta de cores da bandeira Pan-Africana e por meio do seu gesto ao artista David Hammons e sua “Bandeira Afro-Americana” (1990), jogo de citações que faz parecer estranho o verde, amarelo e azul do “Brasil brasileiro”; a intervenção de Cildo Meireles em 2020, quando ocupa uma das páginas do jornal Folha de São Paulo com uma composição gráfica da bandeira nacional que tinha como lema “Ditadura é uma merda”, em um gesto de rememoração que crava no lugar do lema justamente o que é insistido em ser encoberto pelo conservadorismo; e, ainda, a imagem incontornável criada pelo carnavalesco Leandro Vieira no carnaval da Mangueira desfilado em 2019, substituindo na sua tradução da bandeira as cores do Brasil pelo verde e rosa da escola de samba — marco na história do movimento negro no Brasil como organização política, estética e existencial da população da favela que sedia a escola. A bandeira da Mangueira também apresentava o lema “Índios, negros e pobres” no lugar de “Ordem e Progresso”, que justamente enunciou o projeto de dizimação de índios/as e negros/as fundador do Brasil e que se perpetua ainda hoje enquanto política no cerceamento de pessoas negras, indígenas e periféricas. Desfalicização, rememoração, citação, reinscrição, inversão, substituição, reapropriação: diferentes estratégias de interpelações desde os Brasis em direção ao totem do Brasil, onde podemos reconhecer como raiz genealógica o exercício feito por Abdias Nascimento na

pintura “Okê Oxóssi” (1970), que desde esse momento dá a ver uma desnaturalização da ideia de Brasil, propondo outros marcos originários que acabam por problematizar também a ideia de uma reescrita.

Inclusive, na elaboração desta escrita, nos deparamos com a dificuldade de encontrar termos que dêem conta de expressar a operação que está em jogo nesse processo de desmontagem narrativa do que é o Brasil-síntese-colonial. Alguns verbos que nos ocorriam — como reescrever e refundar —, ao mesmo tempo provocavam algum incômodo, pois nos pareciam problemáticos por esbarrar em algum limite.

A ideia de reescrita é interessante, pois sublinha que é preciso reescrever a história “oficial” tecida por perspectivas coloniais, e fazê-lo a partir de outros agentes de enunciação. Mas esse reescrever não só parece incorrer no risco de se apagar a substância da história hegemônica tal como foi escrita, qual seja, a violência colonial branca, que não deve ser esquecida e, muito menos, anistiada com apagamentos; além disso, reescrever não necessariamente altera as bases através das quais essa escrita foi fundada, como se mudassem as palavras, mas se mantivesse a estrutura. E, ainda, tem algo na noção de reescrever que parece apontar para um porvir, para algo que vem, quando, na verdade, estamos falando de algo que já estava ali.

38 Nesse sentido, é preciso reconhecer, também, que essas outras histórias já foram escritas, ainda que não tenham sido lidas por terem sido apagadas, e a ideia de reescrever, nesse sentido, poderia transmitir o sentido de reencenar esse apagamento.

A ideia de refundar pareceria mais apropriada, pois toca diretamente a ideia de base, aquilo que fundou um certo modelo de país. No entanto, recai em uma questão parecida: como refundar algo que sempre existiu e resistiu? Por exemplo, se tomamos como agentes de enunciação os povos originários da América Latina que aqui estavam antes da colonização/invenção da América, como poderíamos falar de uma refundação, como se fosse algo que se inaugurasse no tempo presente? Por essa via, a ideia de retomar, que vem sendo acionada pelo movimento indígena a partir da luta pela terra, parece um termo mais adequado também para pensarmos em termos de uma retomada do fio da história, pois se trata de tomar o que foi usurpado sem apagar as marcas dos extrativismos, extermínios e epistemicídios, reivindicando, ao mesmo tempo, os direitos de reparação e a instauração de outro modo de ocupação nas mais diferentes esferas. Nesse sentido, gostaríamos de destacar as recentes apresentações da peça *Macacos*, de Clayton Nascimento, em maio de 2023 no Teatro

Ipanema, no Rio de Janeiro, como um ato de retomada. O que nos parece ser encenado nessa peça é justamente uma retomada do fio da história do Brasil, que não deixa de se haver a todo instante com os efeitos dos enunciados da história colonial dita como “oficial”, ao mesmo tempo que produz rearranjos profundos ao ocupar, sob um outro regime narrativo, o campo de enunciação dessa mesma história.

Entendemos a importância de sinalizar as complexidades que estão em jogo nesse movimento de desmonte da narrativa colonial e, a partir delas, reconhecer que nada disso é óbvio, razão pela qual essas questões estão em amplo debate. Nesse sentido nos endereçamos essas questões não para conferir uma resposta, mas como forma de problematizar o próprio gesto de nomear e o registro da nomeação. Até porque nos parece que desnaturalizar certa concepção de Brasil implica, também, desnaturalizar radicalmente essas categorias e reconhecer que cada uma delas aponta para diferentes operações que, por sua vez, trazem implicações ético-políticas particulares.

Assim como na proposição de Abdias Nascimento, todas essas outras bandeiras falam, de diferentes formas, de um laço convivial. No mesmo movimento em que interpelam a ideia de “Ordem e Progresso”, interrompendo a prescrição que está totalmente assentada na moral cristã, catequizada, branca, familiarista, heterocisnormativa que marcou a Colonização das Américas e a emergência do capitalismo moderno/colonial, desde 1492 (Quijano, 2005), também apontam para diferentes composições e alianças político-existenciais em um ininterrupto fazer-comum. Mais ainda, essa profusão de laços conviviais, colocados em ato em cada uma dessas bandeiras, fala justamente do que podemos entender como os Brasis.

Considerando que a ideia de Brasil se funda a partir de uma operação de “síntese” inerente à figura de “Estado” — síntese esta que, como vimos pelos apontamentos da Helena Vieira sobre a memória, implica uma série de apagamentos —, esses outros regimes de aliança são fundados a partir da ideia de composição na qual uma pluralidade de alteridades traça comuns e bandeiras. Não por acaso, Abdias Nascimento (2019), ao insistir que o capitalismo está em total contradição com o comunalismo tradicional das culturas africanas, defende que “será através do comunalismo pan-africano que aquela corrente de ferro se tornará obsoleta e para sempre incapaz de se restabelecer” (p. 100).

Quando Paulo Galo encerra sua fala afirmando que o útero da mulher de terceiro mundo é uma máquina de produção de trabalhadores — porque se precisa do operário, do motoboy, do serviçal —, ele afirma

a importância da convergência de lutas, do feminismo, do anticapitalismo, do antirracismo e da luta trabalhadora. Afirma ele: “Quem controla o útero, controla a humanidade”. E precisamos pensar, urgentemente, onde a psicanálise entra nessa luta ou nessa vontade de controle.

Inclusive, implica repensar em que concepção de útero a psicanálise europeia freudiana se assentou para se formular como discurso e prática. Por exemplo, se consideramos que o principal mito originário da psicanálise é a trama edípica, que envolve Édipo Rei, a rainha Jocasta e o rei Laio, podemos perceber, sem entrar em detalhes da tragédia, que ele está muito distante do que Galo fala do útero dos trabalhadores, da mão de obra escrava, barata, explorada.

Desse modo, devemos pensar como a psicanálise dita brasileira precisa refundar suas bandeiras, o que exige que ela se desapaixone por ela mesma e ouça certas emissões dos Brasis. Por exemplo, o que aconteceria com a cena originária psicanalítica se não partíssemos da rainha Jocasta, mas investigássemos a cena originária psicanalítica a partir de um útero negro? Seria incontornável levar a sério o pressuposto de que a alteração dos atores ou das perspectivas que incidem em uma cena acaba por alterar a própria arquitetura ou, ainda, a substância mesma da cena. Ficar com essa pergunta nos parece importante justamente porque se trata aqui da impossibilidade de liquidá-la através apenas do jogo de representatividade na cena mítica, que incorreria no limite de manter a base epistemológica que estrutura a cena para além dos seus personagens.

Há, ainda, uma problematização a mais da psicanálise que podemos apreender dessas interpelações de Paulo Galo e Helena Vieira. O que acontece se pensarmos a existência de uma psicanálise brasileira tomando como matéria a incômoda imagem que esta muitas vezes assume no imaginário social do país? A psicanálise ainda é um campo elitista e elitizado, muitas vezes alinhada com um discurso normatizador das subjetividades dissidentes e periféricas. Isso nos convoca a pensar como se deu o processo de chegada da psicanálise em nosso país.

Além da recepção literária dos modernistas, a psicanálise chega através de psiquiatras que estavam aliados ao projeto de higiene mental⁴ (Facchinetti; Venâncio, 2006; Birman, 2000). Se entendia

4 Como afirmam Facchinetti e Venâncio (2006): “a doutrina criada por Freud já nos anos 1910 e 1920 se difundia no Brasil através de duas vias principais: de um lado, havia uma difusão leiga entre intelectuais e artistas. De outro, a psicanálise era discutida e divulgada por renomados psiquiatras e higienistas mentais em seus trabalhos clínicos e conferências”

que a psicanálise poderia ter um papel importante na investigação etiológica de distúrbios mentais ligados à sexualidade. Para melhor situar essa questão, é preciso lembrar que o projeto higienista brasileiro se constituiu em um período em que o ideal do “progresso” circulava no imaginário social do país em nome da modernidade, de modo que a noção de “degeneração” foi alavancada como uma categoria central, pois representava a maior ameaça a essa modernização.

Desse modo, o controle da sexualidade era central, o que tinha como pano de fundo a problemática da reprodução ou, ainda, o controle biopolítico da espécie (Foucault, 2008). As práticas sexuais não voltadas para a reprodução eram vistas como perversas e degeneradas, como se representassem uma “hereditariedade doentia e a involução dos seres” (Facchinetti; Venâncio, 2006, p. 154), o que precisava ser combatido, caso contrário, certos traços de comportamento seriam transmitidos transgeracionalmente. A moralização da sexualidade foi um dos vetores cruciais do processo de higienização brasileiro:

O controle da população pela higiene mental tinha como um dos seus objetivos, portanto, extirpar o caráter excessivo, desregrado e degenerado da raça brasileira para que pudéssemos adentrar em um novo patamar — moderno e, por conseguinte, saudável [...]. Os psiquiatras passavam a ser os cogestores dessa promessa de futuro, propondo organizar casamentos e procriações (Roxo, 1904, p. 182 *apud* Facchinetti; Venâncio, 2006, p. 154).

A população negra foi a mais atingida pela psiquiatria eugenista, o que fica muito nítido no trabalho de Henrique Roxo que sustentava uma relação entre raça e doença mental: “Roxo afirmava, então, que o cérebro dos negros era menos evoluído do que o dos brancos e por isso mais propenso a certos tipos de loucura” (Facchinetti; Venâncio, 2006, p. 153).

Não por acaso, as pessoas internadas nos hospitais psiquiátricos eram hegemonicamente negras, como aponta Maria Aparecida Bento (2002) ao denunciar a predominância de mulheres negras no hospital de Juquery com o diagnóstico de degeneração, a partir do trabalho de Maria Clementina Cunha (1988, p. 124): “Os estigmas de degeneração física que apresenta são os comuns à sua raça: lábios grossos, nariz esborrachado, seios enormes e pés chatos”. Quando

(p. 154). Para um estudo mais aprofundado sobre isso, ver: Facchinetti, C. *Deglutindo Freud: sobre a digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. Tese de Doutorado (1996–2001). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

perceber como a chegada da psicanálise no Brasil tem uma marca normalizadora inegável:

A psiquiatria, auxiliada pela psicanálise, participava do projeto de pedagogia moral e higiene mental do povo (Nunes, 1988, p. 71).

Por conseguinte, vemos cruzar o discurso psicanalítico com regras e preceitos morais para exames nupciais, educação de crianças e prevenção contra o crime (Facchinetti, 2001, p. 88).

(...) a psicanálise era apenas um dos elementos para o diagnóstico, passando a se encaixar no trinômio do orgânico, da moral e da vida moderna. (Facchinetti; Venâncio, 2006, p. 154)

Ou seja, ainda que a teoria psicanalítica em si não contenha o teor dessas violências — tampouco dessa moralização da sexualidade — e que tenha sido a utilização dela que incorreu nesses processos, não podemos deixar de reconhecer essa marca originária (Birman, 2018, comunicação oral; Helsinger, 2019).

Trata-se mais de pensar: quais foram as consequências disso na história do movimento psicanalítico brasileiro? Quão entranhada não ficou a “manutenção da ordem” em certas práticas, elaborações teóricas e práticas institucionais? Em que grau a elitização da psicanálise — ou ainda, sua hegemonia branca — não tem a ver com o fato de ela ter sido incorporada por um aparato racista branco que prometia um futuro embranquecido? O que essas marcas falam da psicanálise no Brasil? Ou, ainda, como essas marcas nos permitem pensar o Brasil que está embutido na expressão “psicanálise brasileira”? Dito de outro modo, quão encobertas e latentes não estão essas marcas na noção de Brasil a que a psicanálise se refere ao dizer que há uma psicanálise brasileira? Enfim, quais destinos dar a essas marcas?

Tanto as interpelações de Helena Vieira e Paulo Galo quanto as imagens dos Brasis para as nossas bandeiras parecem justamente denunciar a produção melancólica que está posta na própria ideia de Brasil. Helena se refere à melancolia para pensar o roubo de futuro, o esgotamento do presente e o conservadorismo, mas nos parece que sua própria intervenção dá pistas que nos permitem alargar a noção de uma melancolia para pensarmos os efeitos da colonização na própria constituição do Brasil. Ao considerarmos a categoria de melancolia tal qual proposta pela psicanálise, a partir de uma recusa da perda

eram encontradas viajando sozinhas, essas mulheres recebiam o diagnóstico de ninfomaníacas” (p. 11). Além disso, sustentava-se uma predisposição genética das mulheres negras a contraírem doenças ditas venéreas, como a sífilis, o que implicava uma estigmatização racial (David; Vicentin, 2020), da mesma maneira que se colocou os negros sob a insígnia da periculosidade (Facchinetti; Venâncio, 2006).

Como apontam David e Vicentin (2020), as teorias eugenistas e racialistas da medicina e da psiquiatria eram estratégias de perpetuação da lógica escravocrata a partir de um prisma supostamente científico, isto é, uma forma de manter a população negra em uma posição inferiorizada no período pós-abolicionista. Com isso, se tentava “demonstrar uma suposta naturalização das disparidades sociais como falsa justificativa da manutenção de negros(as) em condição análoga à escravidão” (p. 266). Neste sentido, salientam os autores, foi através da biologia e da medicina racista que a ideologia do branqueamento encontrou uma suposta legitimidade científica que visava encobrir o racismo em jogo. Foi nessa via também que o ideal de miscigenação — que sustenta o mito da democracia racial, como aponta Lélia González (1984) — foi incorporado pelas teorias eugenistas e passou a ser visto como algo que contribuiria para a evolução racial.

42 Essa discussão coloca em cena questões cruciais que marcam a história de nosso país, como, por exemplo, o lugar que as ciências biológicas tiveram na construção da noção de “raça” no Brasil (David; Vicentin, 2020), as relações entre ideologia do branqueamento e teorias eugenistas, as imbricações entre psiquiatria e razão criminológica. Não poderemos aprofundá-las, o ponto que almejamos destacar é como esse capítulo da história escancara como o Brasil da “Ordem e Progresso” foi pautado, fundamentalmente, por práticas racistas que caucionam os processos de patologização, manicomialização, controle de práticas sexuais, criminalização, exploração, encarceramento e extermínio da população negra brasileira. Pois, como afirma Galo em sua intervenção: “Nós não quebramos as correntes, alongamos, estamos presos nas mesmas fazendas”⁵.

E, sobretudo, gostaríamos de destacar que foi nesse contexto histórico que a psicanálise foi incorporada, de forma estratégica, como arcabouço teórico para auxiliar no monitoramento das ditas degenerações em nome de um ideal moral moderno, o que nos permite

5 Galo ilustra isso com o sobrenome de sua família, Silva, que é o nome da fazenda onde familiares foram explorados.

justamente por não se saber o que se perdeu, inviabilizando assim o trabalho de luto, podemos pensar uma melancolia brasileira que pode ser mapeada não só pelos apagamentos dos Brasis feitos pela colonialidade desde a sua fundação, mas também no encobrimento dessas mesmas marcas coloniais que se perpetuam no projeto neoliberal atual.

Há uma brecha para o pensamento de uma psicanálise brasileira a partir desta imagem incômoda de uma melancolia brasileira. Assim como pensar o Brasil via os Brasis permite refletirmos o país à luz das disputas de classe e epistemológicas internas ao próprio país, também pensar a psicanálise não como “a psicanálise brasileira”, mas enquanto “movimento psicanalítico”, enfatizando a sua ideia de movimento e movimentação, permite olharmos para as genealogias em disputa da psicanálise e, assim, traçarmos a partir daí novos regimes de alianças e arranjos políticos desde dentro.

Nesse sentido, as clínicas de borda, os coletivos psicanalíticos e as organizações políticas autônomas de psicanalistas, que nos últimos anos vêm atuando de maneira diversa no campo psicanalítico, são uma materialização disso. Como vemos através dessas ações, pensar a psicanálise enquanto movimento nos convoca a testarmos refletir a psicanálise em seu lugar no campo social e político, nomeando em outros termos o próprio desamparo da psicanálise no campo social e permitindo que mesmo a ideia de “transmissão” na psicanálise possa se arriscar em alianças com outras lutas, para além das delimitações teóricas, clínicas e institucionais. Pensar a psicanálise pela mobilidade operada por seus ecos em lugar de um arquivo arquivado.

Em sua intervenção, Galo sublinha que não há hora certa para fazer revolução, que não dá para esperar as pessoas deixarem de ser racistas, machistas, homofóbicas e transfóbicas — ou que o comunismo se institua como mágica —, pois nada disso se dá de um dia para o outro. Desse modo, sustenta que é preciso fazer aliança com quem está ali, do jeito que está, mesmo com quem acha que a Terra é plana. É nesse sentido que ele encerra sua fala afirmando: “A revolução do Brasil, vamos fazer mancando”.

Nos parece que esses são caminhos possíveis para pensarmos uma psicanálise dos Brasis — uma psicanálise que manca como forma de enlutar a história “oficial” e os seus processos de colonização — no lugar da glória melancólica de uma marcha da psicanálise brasileira.

Referências

- Bento, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Org.). *Psicologia social do racismo — estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-58. Disponível em: <https://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>
- Birman, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- David, Emiliano de Camargo; Vicentin, Maria Cristina Gonçalves. Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. *Saúde Debate*; n. 44, p. 264-277, out. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1290109>.
- Facchinetti, Cristiana; Venâncio, Ana Teresa. Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, v. IX, p. 1, 151-161, mar 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/c5xGkXTFYw5ntXgKck6qJwK/?format=pdf&lang=pt>
- Foucault, Michel. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-78)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- González, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- Nascimento, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- Nascimento, Clayton. *MACACOS: Monólogo em 9 episódios e 1 ato*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- Quijano, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Tradução de Júlio César Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Realização

Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos – Rio de Janeiro

Conselho Editorial EBEP–Rio

Beatriz Boueri
Bruno Siniscalchi
Carlos Coelho
Elizabeth Mourão
Leila Ripoll
Luciano Dias
Natasha Helsinger
Pedro Cattapan

Arquivos & ecos #1

Helena Vieira
Paulo Galo
Bruno Siniscalchi
Natasha Helsinger

Coordenação editorial e preparação de textos

Luiza Leite

Revisão

Clárisse Lyra

Projeto gráfico e diagramação

Cecilia Costa e Tatiana Podlubny

Fonte tipográfica

Jornalística Roman 0.17
Jornalística Italic 0.14
Gustavo Ferreira / Hipertipo

Editora

Fada inflada

ISBN

978-65-980372-1-5

A coleção *Arquivos & ecos* apresenta conferências realizadas no Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, no Rio de Janeiro, acompanhadas de um comentário crítico escrito por membros da instituição.

Busca-se assim reativar internamente as ideias discutidas no calor do momento e relançá-las para que circulem em outros contextos.

Arquivos & ecos

COLONIALISMOS